

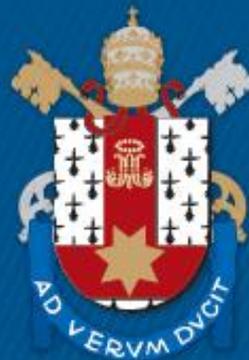
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

RICARDO COIMBRA DA ROCHA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS GRAMATICAL E LEXICAL  
SOB O PRISMA DE UMA TEORIA COMPOSICIONAL**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA

RICARDO COIMBRA DA ROCHA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS GRAMATICAL E LEXICAL  
SOB O PRISMA DE UMA TEORIA COMPOSICIONAL**

Porto Alegre

2018

RICARDO COIMBRA DA ROCHA

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS GRAMATICAL E LEXICAL  
SOB O PRISMA DE UMA TEORIA COMPOSICIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Tramunt Ibaños

Porto Alegre

2018

“And this is the case for every well-formed sentence in language: every sentence has an eventuality as one of its major semantic ingredients”

Boban Arsenijević, 2006.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial ao meu filho de quatro anos, parceiro de empreitada, que por vezes ficou “lendo” o livro do Homem de Ferro enquanto eu quebrava (e sigo quebrando) a cabeça tentando entender tantos conceitos, teorias e abordagens sobre tempo e aspecto. Também agradeço a minha mãe, que invariavelmente me interpelava - quando eu começava a falar sobre aspecto - com alguma questão filosófica sobre a qual ela estava estudando. E claro, agradeço a minha companheira e amada Fernanda, que me inspirou, ajudou e apoiou de forma irrestrita, de tantas maneiras, que eu não teria palavras suficientes para descrever, mas apenas agradecendo por tamanho amor – e amor em dobro –, pois carrega consigo (e conosco) a pequena Carmela, que vai nascer depois do papai dela ter passado pela sabatina que se aproxima.

Agradeço a minha orientadora Ana Ibaños, que desde a minha entrada no Programa de Pós-Graduação, me deu apoio e suporte irrestritos, mesmo sabendo que eu vinha de outra área e que teria muito chão pela frente. Além disso, em pontos fundamentais dessa jornada, me apontou o caminho quando, por vezes, eu estava saindo do foco. As palavras são poucas para demonstrar a minha gratidão, honra e alegria de ter tido tamanha sorte em contar com uma pessoa que admiro e aprendi tanto ao longo desse caminho.

Agradeço o professor Jorge Campos, pois sem suas aulas (e as conversas no café), jamais teria me interessado tanto pela interface entre a Linguística e a Lógica. Ademais, considero uma grande honra e privilégio ter tido aulas com alguém de tamanho conhecimento sobre Linguística e, além disso, alguém que instiga a pesquisa através não somente da sua qualidade e competência como acadêmico, mas pela sua paixão pelo ensino e pelo conhecimento.

Agradeço, ainda, a minha professora Lilian e demais professores do Programa de Pós-Graduação da PUCRS, já que não foram somente excelentes como professores, mas também me ajudaram a construir uma base de conhecimento sobre os diferentes campos de pesquisa dentro da Linguística, fazendo com que a cada dia me apaixonasse mais por essa área da ciência tão rica, vasta e importante para a construção e disseminação de conhecimento.

Não poderia deixar de agradecer pelo acolhimento e pela parceria dos meus queridos colegas, em especial Joana e Lisandra, que, de diferentes maneiras, me ajudaram muito ao longo desta jornada, tanto nos estudos quanto nas boas conversas e momentos para lá de divertidos.

Também agradeço a Germana, quem surgiu meio ao acaso na minha preparação para a prova de proficiência em inglês, mas que, pelo fato de ser Mestre em Linguística e uma pessoa pela qual ganhei admiração, acabou sendo o meu primeiro contato com o campo da Linguística. Por meio das nossas aulas híbridas de inglês e Linguística Geral, me ajudou muito de diversas maneiras.

Agradeço, da mesma forma, ao Rafael Klein. Sem as nossas conversas e mais conversas, eu provavelmente não teria nem começado o Mestrado. Me ajudou muito a acreditar em mim mesmo, nos meus potenciais – sobre os quais ainda tenho dúvidas, obviamente – fazendo com que eu seguisse, do jeito que fosse, para frente.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar o aspecto lexical baseado na telicidade e observar se essa propriedade opera independentemente em relação ao aspecto gramatical, por meio de uma análise da representação do tempo e de eventos no Português Brasileiro (PB). A questão principal desta pesquisa é investigar a habilidade da nossa linguagem para descrever um evento, utilizando tanto o aspecto perfectivo como o aspecto imperfectivo, sem afetar a telicidade desse evento quando mudamos o tempo em termos de inflexão verbal e perífrases. A função de fornecer informações sobre o ponto em que esse evento termina, ou seu telos, pertence às propriedades semântico-lexicais do verbo e sua relação com seu argumento interno, uma vez que a informação referente à telicidade do evento depende da forma em que esta relação é estabelecida. Partimos da análise das realizações morfossintáticas do aspecto perfectivo, imperfeito e progressivo em português, utilizando o sistema desenvolvido por Reinhart (1986), que modifica a teoria de Reichenbach (1947), para descrever como o tempo e o aspecto gramatical se realizam. De maneira mais precisa, por uma análise das relações de intervalo entre R, E e S. Começamos por analisar esses intervalos, alguns deles realizados em português, por meio do pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e composto imperfeito do pretérito do indicativo. Posteriormente, usamos verbos não-estativos que indicam processo ou transição, a fim de descobrir se um predicado é télico ou atélico por meio de testes de identificação de telicidade e a análise da interação entre o verbo e seu argumento. Como resultado, apresentamos definições semânticas das propriedades lexicais desses verbos em termos de processo, transição e telicidade para o uso subsequente dessas definições e propriedades de forma integrada, embora os sistemas responsáveis por codificar tempo, intervalos e aspecto lexical ainda operem de forma independente. Para esta análise, propomos uma aproximação entre as propostas teóricas de Verkuyl (1999, 2002) e Pustejovsky (1992). Em Verkuyl, temos a definição lexical do verbo por meio da propriedade [+ -ADD TO], que, segundo Arsenijevic (2006), introduz o potencial de um evento sendo mapeado para uma estrutura escalar, onde podemos entender esse mapeamento pela relação entre as propriedades semânticas do verbo e da informação que está contida em seu argumento [+ -SQA]. Na abordagem de Pustejovsky (1992), temos a informação semântica do verbo apresentado através das propriedades de transição (E1, ¬E2) e processo (E1, En). A motivação para a aproximação dessas teorias baseia-se no fato de que, para entender como ocorre o

desdobramento de um evento, é importante observar as propriedades quantificacionais contidas no verbo e quais seriam os valores de  $n$  indicados pelo seu argumento, uma vez que precisamos de pelo menos dois pontos para um evento se desdobrar. Quando obtemos o valor de  $n$  e o integramos com as propriedades lexicais do verbo, podemos observar como a telicidade desse evento ocorre e se o seu desdobramento realmente acontece independentemente do intervalo em que esse evento é inserido.

**Palavras-chave:** Telicidade. Aspecto gramatical. Aspecto lexical.

## ABSTRACT

The aim of this work is to investigate the lexical aspect based on telicity and to observe whether this property operates independently in relation to the grammatical aspect through an analysis of the representation of time and events in Brazilian Portuguese (BP). The main question of this research is to investigate our language ability to describe an event using both the perfective and the imperfective aspect without affecting the telicity of this event when we change its tense in terms of verbal inflection and periphrases. The function of providing information about the point where this event ends, or its *telos*, belongs to the semantic-lexical properties of the verb and its relationship with its internal argument, since the information regarding the telicity of the event depends on the form in which this relation is established. We start with the analysis of the morphosyntactic realizations of the perfective, imperfective and progressive aspect in Portuguese, using the system developed by Reinhart (1986), which modifies the theory of Reichenbach (1947) in order to describe how time and grammatical aspect are realized in a more precise way, through an analysis of interval relations between R, E and S. We begin by analyzing these intervals, some of them realized in Portuguese, through the perfect preterite of the indicative, imperfect preterite of the indicative and compound imperfect preterite of the indicative. Subsequently, we use non-stative verbs which indicate process or transition, to find out if a predicate is telic or atelic through tests of identification of telicity and the analysis of the interaction between the verb and its argument. As a result, we present semantic definitions of the lexical properties of these verbs in terms of process, transition and telicity for the subsequent use of these definitions and properties in an integrated way, although the systems responsible for encoding time, intervals and lexical aspect still operate independently. For this analysis, we propose an approximation between Verkuyl's theoretical proposals (1999, 2002), where we have the lexical definition of the verb through the property [+ -ADD TO] – which according to Arsenijevic (2006) introduces the potential of an event being mapped towards a scalar structure where we can understand this mapping through the relation between the semantic properties of the verb and the information that is contained in its argument [+ -SQA] – and Pustejovsky's (1992) approach, in which we have the semantic information of the verb presented through the transition (E1, -E2) and process (E1, En) properties. The motivation for the approximation of these theories is based on the fact that, in order to understand how the unfolding of an event occurs, it is important to observe the quantificational properties contained in the verb and what would be the values of *n* indicated by its argument, since we need at least two points for an event to unfold, and when

we get the value of  $n$  and integrate it with the lexical properties of the verb, we could observe how the telicity of this event occurs and whether its unfolding actually happens independently of the interval where this event is inserted.

**Keywords:** Telicity. Grammatical aspect. Lexical aspect.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perfectividade x Telicidade .....	31
Tabela 2. Relações entre S e R .....	36
Tabela 3. Relações entre E e R .....	37
Tabela 4. Relações entre E, S e R .....	37
Tabela 5. Tempos e modos verbais .....	38
Tabela 6. Testes de classificação aspectual .....	49
Tabela 7. Propriedades aspectuais com semelfactivos .....	49

## LISTA DE DIAGRAMAS<sup>1</sup>

Diagrama 1. Aspectos perfectivo e imperfectivo .....	30
Diagrama 2. Eventualidades .....	46
Diagrama 3. Composição aspectual .....	57
Diagrama 4. Perfectivo → Pretérito perfeito e evento atélico .....	70
Diagrama 5. Perfectivo → Pretérito perfeito e evento télico .....	71
Diagrama 6. Imperfectivo → Pretérito imperfeito e evento atélico .....	72
Diagrama 7. Imperfectivo → Pretérito imperfeito e evento télico .....	74
Diagrama 8. Progressivo → Pretérito imperfeito composto e evento atélico .....	75
Diagrama 9. Progressivo → Pretérito imperfeito composto e evento télico .....	76

---

<sup>1</sup> Um diagrama é uma representação visual estruturada e simplificada de um determinado conceito ou ideia, um esquema.

## LISTA DE SÍMBOLOS

$e$	eventualidade
$I$	intervalo
$E$ ou $ME$	momento do evento (ou intervalo)
$R$ ou $MR$	momento da referência
$S$ ou $MS$	momento do discurso
$\exists$	operador existencial (existe algum $x$ tal que)
$\forall$	operador universal (para todo $x$ tal que)
$\Phi$	fórmula
$\subseteq$	incluso
$\subset$	propriamente incluso
$<$	menor que
$\leq$	menor ou igual a
$>$	maior que
$\geq$	maior ou igual a
$\in$	é um elemento de
$\&$	e

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 CONCEITOS DE TEMPO E ASPECTO</b> .....	19
1.1. ESTUDOS DE TEMPO E ASPECTO NO PORTUGUÊS.....	20
1.2. ASPECTO GRAMATICAL.....	27
1.3 PERFECTIVO E IMPERFECTIVO.....	29
1.4 TEMPO E REFERÊNCIA.....	32
1.5 PRETÉRITOS NO PORTUGUÊS: SEMÂNTICA DE INTERVALOS .....	40
<b>2 ASPECTO LEXICAL</b> .....	44
2.1 PROPRIEDADES LEXICAIS DOS VERBOS.....	44
2.2 TELICIDADE.....	52
2.3 COMPOSICIONALIDADE ASPECTUAL .....	54
2.4 TESTES PARA TELICIDADE .....	58
2.4.1 Teste de modificação adverbial em x tempo / por x tempo.....	58
2.4.2 Teste de implicação no progressivo.....	60
2.4.3 Teste de conjunção .....	61
2.5 TELICIDADE DEFINIDA POR EVENTO ( <i>E</i> ) E INTERVALO ( <i>I</i> ) .....	61
<b>3 RELAÇÕES ENTRE OS ASPECTOS GRAMATICAL E LEXICAL</b> .....	64
3.1 PERFECTIVIDADE, IMPERFECTIVIDADE E TELICIDADE .....	69
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	77
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79

## INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste trabalho é investigar o aspecto lexical a partir da telicidade e averiguar se essa propriedade opera de forma independente em relação ao aspecto gramatical no sistema de representação de eventos do português. Entende-se por evento o fenômeno realizado a partir das categorias linguísticas *tempo* e *aspecto*, ou seja, sentenças que denotem tempo e apresentem algum tipo de eventualidade. Bach (1986, p. 6) diz que o termo *eventualidade* se refere a todos os tipos de ações, eventos, processos e estados que tenham propriedades temporais, sendo classificados, também, de acordo com seus diferentes tipos.

Através da teoria de Reichenbach (1947), faremos uma abordagem inicial sobre a representação de tempo na linguagem, utilizando um conjunto de pontos de referência que nos situam e nos dão perspectiva sobre quando um determinado evento ocorreu ancorado nesses pontos. Especificamente em relação à abordagem desta pesquisa, trataremos as relações entre esses pontos (ou momentos) através de intervalos. Já o aspecto está preocupado com a forma como os eventos se relacionam com o tempo, pois entendemos que as informações relativas a esse evento estariam codificadas em termos semânticos na construção do sintagma verbal, ou VP (de *verbal phrase*, termo cunhado do inglês), constituída pelo verbo e seus argumentos.

1. (a) Joana passeia no parque.  
(b) Maria reconhece Pedro.  
(c) Bernardo sabe francês.  
(d) Vitória dança.

Segundo Bhatt e Pancheva (2005, p. 1), nos exemplos acima, todos esses eventos não estão necessariamente situados relativamente ao tempo, mas nós os percebemos sob a perspectiva do tempo e os representamos linguisticamente dessa forma. O fornecimento dessa informação é um dos papéis do aspecto, pois além da informação codificada morfossintaticamente nos verbos, temos informações singulares a cada verbo sobre como suas ações, processos ou estados se desdobram ao longo do tempo.

A delimitação da abrangência deste trabalho é baseada nas informações contidas nos eventos apresentados em nível de sentenças individuais, não sendo considerados os seus contextos. Como objetos centrais de análise, vamos trabalhar com um conjunto de verbos

lexicais não-estativos realizados nos pretéritos perfeito e imperfeito do indicativo, visto que nesse tempo e modos as distinções gramaticais que se referem à oposição perfectivo/imperfectivo ocorrem no português. Por sua vez, as distinções aspectuais pertinentes à semântica lexical, no que diz respeito à telicidade, trazem para essa pesquisa a necessidade da manipulação dos argumentos internos do verbo em termos de propriedades quantitativas.

A principal pergunta desta pesquisa se refere à capacidade de descrevermos eventos utilizando tanto o aspecto perfectivo quanto o aspecto imperfectivo, sem que a terminatividade (ou telicidade) desse evento seja alterada pela mudança no tempo, em termos de flexão verbal e perífrases. Às propriedades semântico-lexicais do verbo e de seu(s) argumento(s) pertencem a função de apresentar a informação sobre o ponto onde esse evento terminaria, ou seu *telos*, pois a informação referente à terminatividade (ou telicidade) do evento dependeria da forma como se estabeleceria essa relação.

2. (a) João correu | no parque → por uma hora / #em uma hora  
(b) João correu | para o parque → #por uma hora / em uma hora
  
3. (a) João corria | no parque → por uma hora / #em uma hora  
(b) João corria | para o parque → #por uma hora / em uma hora
  
4. (a) João estava correndo | no parque → por uma hora / #em uma hora  
(b) João estava correndo | para o parque → #por uma hora / ? em uma hora

Nos exemplos 2(a,b), 3(a,b) e 4(a,b) acima, apresentamos o verbo *correr* em três modos distintos sendo que, independentemente do tempo em que o verbo está realizado, o que define a natureza télica ou atélica do evento seria o argumento do verbo e não a informação morfossintática referente ao tempo e ao respectivo intervalo. Por outro lado, se mantivermos o verbo no mesmo modo e tempo e alterarmos seu argumento, podemos ver que:

5. (a) Maria comeu um sanduíche → #por uma hora / em uma hora  
(b) Maria comeu sanduíches → por uma hora / #em uma hora

Nos exemplos apresentados em 5(a,b), ao trocarmos o tipo de quantificação do argumento do verbo, mudamos a definição sobre o evento ser télico ou atélico, ou seja, quando apresentamos um argumento com uma quantidade definida e delimitada, como em “um sanduíche”, sabemos que o fim desse evento é o término da realização do verbo comer delimitado por “um”. Já em “sanduíches”, dado que não sabemos ao certo o número de sanduíches, não temos como inferir qual seria o fim da ação do verbo em questão, já que não temos um número definido sobre o argumento no qual o verbo comer atua, ou seja, comer terminaria quando? Já que não sabemos quantos sanduíches vão ser consumidos, não temos como determinar o fim, ou *telos*, desse evento.

A principal abordagem que será utilizada ao longo desta dissertação vem da pesquisa desenvolvida por Borik e Reinhart (2000, 2002, 2005), na qual elas propõem a independência do aspecto gramatical em relação ao aspecto lexical.

6. (a) Maria estava dirigindo o carro → Maria dirigiu o carro.  
(imperfectivo, atélico)
- (b) Maria estava correndo um quilômetro - / → Maria correu um quilômetro. (imperfectivo, télico)

Nesses exemplos (Borik e Reinhart, 2004, p. 2), podemos inferir que a mudança no tipo de verbo, em termos lexicais, ocasionaria mudança na terminatividade dos eventos, ao passo que a localização do momento em que ocorreram não seria alterada enquanto mantidos os seus tempos verbais. Além disso, quando o predicado é atélico, podemos inferir que, mesmo com um intervalo não delimitado (imperfectivo), o predicado atélico se mantém independente do tempo utilizado, pois [estava dirigindo/dirigiu] não traz consigo a informação sobre o fim do evento, independente de que tenha sido atingido ou não, o que permanece indefinido. Por outro lado, ainda não sabendo se o evento vai ser completado em relação a sua realização ao longo do tempo, sabemos onde seria o seu fim/*telos* [um quilômetro] através das propriedades léxico-semânticas do verbo e seu argumento.

Essa proposta traz consigo elementos da teoria sobre a composicionalidade do aspecto desenvolvida por Verkuyl (1972, 1989, 1999), na qual a oposição entre tempo e aspecto é muito importante. Na sua visão, quando o valor aspectual é definido e o predicado

é determinado como sendo [+ T] ou [-T] – onde T significa terminatividade –, o sistema deve lidar com essa unidade semântica sem alterar nenhuma das suas propriedades referentes ao tempo. Quando a unidade (ou seja, um predicado com o valor de telicidade atribuído) é formada, não podemos mais acessá-la: o sistema que lida com o tempo deve acomodá-la, seja ou não o valor aspectual conveniente para o mecanismo temporal. Isso significa que a teoria de Verkuyl sobre a independência do aspecto em relação a toda a informação temporal equivale a dizer que o aspecto baseado na telicidade é independente do sistema de tempo e aspecto gramatical.

Para abordarmos essa diferenciação entre tempo, aspecto gramatical (ou *viewpoint aspect*<sup>2</sup>) e aspecto lexical (ou semântico), precisamos inicialmente entender as noções de tempo e aspecto gramatical aplicadas ao português brasileiro, pois ambos seriam responsáveis pela formação dos tempos verbais. Para trazermos à essa pesquisa a pergunta sobre a natureza do tempo e seus intervalos serem independentes das propriedades lexicais contidas no verbo e nos seus argumentos, precisaremos inicialmente explicar e representar esses dois fenômenos, bem como teremos que entender o conceito de aspecto lexical e como pode ser entendido em termos do parâmetro da telicidade, pois acreditamos que esta seria a propriedade crucial resultante da relação entre o verbo e seus argumentos.

Além disso, como trabalhamos com o conceito de terminatividade e a sua relação com o tempo e o intervalo onde um determinado evento acontece, delimitaremos, como objetos de estudo, os tempos verbais sobre os quais possamos aferir o que já tenha acontecido, tanto sob o ponto de vista de seu *telos* quanto sob o ponto de vista da sua duração e do tipo de intervalo, objetivando então eventos que tenham acontecido no passado, mesmo que possam ou não ter se estendido ao longo do tempo. Interessa-nos trabalhar em um recorte teórico em que possamos observar, de forma sobreposta, as diferentes configurações de representação morfosintática dos verbos e as diferentes relações semântico-lexicais dos verbos e seus argumentos, através da telicidade. Para tanto, vamos manter fora desta pesquisa os verbos no tempo presente e futuro, em seus diferentes modos. Assim, temos um conjunto de problemas que constituem a base do desenvolvimento deste estudo e são trabalhados, respectivamente, a cada capítulo.

O primeiro conjunto de problemas, desenvolvido no primeiro capítulo, começa pela apresentação de um panorama sobre as pesquisas já realizadas por diferentes autores em relação ao aspecto verbal do português brasileiro. Então, desenvolve-se para que seja

---

<sup>2</sup> Termo utilizado originalmente por Smith (1991, p. 7)

apresentada uma análise do sistema de tempo e aspecto gramatical no português em termos morfossintáticos e demonstrada a sua representação metalinguística, através da teoria de Reichenbach (1947) e seus desdobramentos para a semântica de intervalos. Acreditamos que assim poderemos comparar as informações temporais codificadas por parte do sistema de pretéritos no português em relação às informações advindas da terminatividade, isolando os parâmetros de tempo (T ou *I*) e evento (E ou *e*), para posterior análise da abordagem defendida nesta dissertação.

No segundo capítulo, abordamos a segunda parte do sistema de representação de eventos no português, apresentando inicialmente o conceito de telicidade e aspecto lexical, demonstrando como podemos inferir se um predicado é télico ou atélico por meio de testes de identificação com o uso de advérbios temporais e uma perspectiva mais lógico-analítica. Como resultado dessa análise, teremos a capacidade de entender como podemos obter o valor de E (ou *e*, evento), em termos de terminatividade (ou telicidade), para que tenhamos todos os elementos que constituem a representação de um evento no português e possamos testar se realmente os sistemas responsáveis pela codificação do tempo (e seus intervalos) e aspecto (e os tipos de eventos) operariam de forma independente.

No terceiro capítulo, partindo das teorias apresentadas por Reinhart e Borik (2005), Verkuyl (1989, 1999) e Pustejovsky (1990), analisamos como elas se aplicariam ao funcionamento de tempo, ao aspecto gramatical e ao aspecto lexical no português. A partir daí, selecionamos alguns exemplos para que possamos observar se a perfectividade (aspecto gramatical) e a telicidade (aspecto lexical) realmente operam de forma independente, pois assim teremos subsídios para que possamos apresentar a defesa da abordagem proposta, fundamentados nesse conjunto de exemplos e em uma análise metalinguística sobre o comportamento de T (tempo, intervalo ou *I*) e E (Evento, ou *e*).

Nas considerações finais, apresentamos uma análise do trabalho sob um ponto de vista mais amplo. Avaliamos o que podemos concluir através do desenvolvimento das questões propostas, explicando se a abordagem realmente se mantém por meio de testes adverbiais e aferições lógicas e analisando possíveis questões que ainda não estariam completamente resolvidas com a presente pesquisa. Por fim, é de especial interesse o entendimento de como a variação no tipo de informações léxico-semânticas contidas no verbo e seus argumentos poderiam sugerir que as relações composicionais entre esses elementos linguísticos e os intervalos com os quais eles interagem necessitem de mais estudos sobre como tratá-los.

## 1 CONCEITOS DE TEMPO E ASPECTO

Neste capítulo, apresentamos uma investigação sobre abordagens e pesquisas que tratam do aspecto no português, investigando diferentes perspectivas e trazendo, a partir delas, um conjunto inicial de definições sobre tempo e aspecto que nos ajudarão ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, para que possamos tratar dos problemas propostos. Ademais, por meio da análise dessas pesquisas, teremos mais subsídios sobre a forma como vamos tratar o conceito de aspecto gramatical (ou *viewpoint aspect*) ao longo desse trabalho.

Subsequentemente, partiremos para uma apresentação da definição de tempo na linguagem, a partir da teoria de Reichenbach, a fim de demonstrar como ela pode servir de base no que tange à representação dos pretéritos no português. Desse modo, será possível abordarmos o funcionamento do aspecto gramatical em termos de momento de referência, momento de evento e momento de fala (ou discurso). Assim, começaremos a construir uma perspectiva a partir da qual, no português, o sistema de tempo e aspecto gramatical seriam realizados de forma conjunta morfossintaticamente.

Após entendermos como os momentos (ou pontos) R-S-E apresentados por Reichenbach poderiam servir para a análise da codificação do tempo, delimitaremos os tempos verbais utilizados a partir desse ponto com o propósito de captar o maior contraste entre perfectivo e imperfectivo realizados no português. Então, partiremos para o uso da semântica de intervalos, uma vez que vamos tentar demonstrar, pelo menos em parte, um sistema de tempo e aspecto gramatical que, na visão de Reinhart (1996), Kamp e Reyle (1993), entre outros, não estaria plenamente contemplado no pressuposto teórico de Reichenbach.

Seu sistema prevê pontos em um espaço linear, o qual seria a própria linha do tempo, mas não estabelece os tipos de intervalos possíveis nessas relações que não se restrinjam apenas à posição de cada momento e sua ordem (anterior, posterior ou simultânea). Outrossim, não nos traria a possibilidade de utilizarmos certas operações que lidem com as combinações entre esses pontos (ou intervalos) através de operadores lógicos. Dessa forma, teremos uma primeira parte da estrutura lógica e do pressuposto teórico para a análise das interações entre tempo, aspecto gramatical e aspecto lexical, sob o prisma da telicidade.

Além disso, é importante frisar a necessidade de demonstrarmos que os pretéritos perfeito e imperfeito seriam correspondentes aos aspectos gramaticais perfectivo e

imperfectivo, no que tange a sua codificação morfossintática no português. A distinção entre imperfectivo e progressivo também vai ser abordada neste trabalho, ainda que inicialmente. Acreditamos que a maior relevância para esta pesquisa, em termos de aspecto gramatical, seja a oposição representada pelo perfectivo e imperfectivo (do qual o progressivo seria uma subcategoria, dependendo do tipo de abordagem teórica), pois ambos têm reflexo claro na sua realização na língua portuguesa, no que se refere à formação dos pretéritos.

### 1.1. ESTUDOS DE TEMPO E ASPECTO NO PORTUGUÊS

A literatura sobre tempo e aspecto no português é ampla, motivo pelo qual selecionamos alguns trabalhos que acreditamos que estejam dentro do recorte teórico proposto por esta pesquisa. A investigação e a análise desses trabalhos nos ajudarão a entender diferentes percepções desses fenômenos aplicados ao português, com o intuito de dar suporte à perspectiva inicial deste estudo, a qual propõe que haja independência entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical no português. Portanto, nos preocuparemos, inicialmente, em apreender como esses trabalhos abordam os conceitos de tempo e aspecto, investigando algumas descrições gramaticais e outras com cunho mais teórico, com o intuito de captarmos essas noções de forma ampla e recorrente, para que possamos observar esses conceitos aplicados ao português, como veremos a seguir.

Uma primeira investigação nos traz, em termos de definição sobre o conceito de tempo, uma questão levantada por Travaglia (2014), quando ele nos diz que seria preciso inicialmente esclarecer como o termo “tempo” é apresentado na pesquisa linguística, podendo ser observado que existiriam três sentidos básicos para ele, os quais seriam, segundo ele, os seguintes:

- Tempo 1 - categoria verbal. Correspondente às épocas: passado, presente, futuro.
- Tempo 2 - flexão temporal. Refere-se às conjugações verbais: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo, etc.
- Tempo 3 - A ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.

Neste trabalho, a combinação das definições de Tempo 1 e Tempo 2 serão associadas ao sistema de representação de tempo e aspecto gramatical, as quais acreditamos que são realizadas morfossintaticamente no português pela combinação entre o radical do verbo e seus possíveis afixos, além das combinações de verbos através das perífrases. Trabalharemos, também, com o tempo representado por Tempo 1 e Tempo 2 referindo-se à codificação do tempo (presente, passado e futuro) e suas variações mais complexas, apresentadas através dos pretéritos. Já a definição em Tempo 3 representa uma definição inicial simplificada do que entendemos como aspecto lexical, pois as propriedades de um evento que não estejam diretamente ligadas à representação do tempo e suas variações e que não estejam ligadas às propriedades sintáticas da sentença seriam de caráter lexical, ou seja, teriam propriedades de natureza semântica.

Apesar de existirem um grande número de trabalhos sobre o tempo na linguagem que contemplem o português, com o intuito de manter o foco do trabalho nas nossas perguntas de pesquisa, vamos nos ater a essas definições de tempo acima apresentadas, uma vez que, ao longo do trabalho, vamos nos aprofundar mais no conceito de tempo a partir de outra perspectiva, escolhida para que possamos instrumentalizar a nossa análise temporal com o uso de intervalos.

Os estudos sobre o aspecto no português apresentam grande variedade, tanto em relação às teorias propostas para analisar e explicar as propriedades aspectuais na representação de eventos e na codificação do tempo, quanto em termos de conceitos metalinguísticos. Ainda assim, segundo Travaglia (2014), podemos encontrar definições muito próximas nos trabalhos de diferentes autores, o que nos possibilitaria apresentar um conjunto dessas definições como uma base comum sobre o tema no português brasileiro. Segundo Castilho (1968, p. 14), Câmara Júnior (1970, p. 97), Luft (1976, p. 131), Travaglia (2016, p. 20) e Bechara (2015, p. 225), entre outros, podemos encontrar alguns pontos em comum em relação às diferentes abordagens sobre aspecto através de um conjunto de definições gramaticais, de acordo com os quais partiríamos das seguintes premissas:

- Aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna.
- Aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si.
- Aspecto envolve tempo.

Esses conceitos abrangeriam tanto o aspecto gramatical quanto o aspecto lexical, em parte por serem ainda definições referentes a um nível de representação ampla, tendo como objetivo um ponto de partida para a conceituação teórica do aspecto e a construção de um quadro aspectual que apresente os diferentes tipos de traços aspectuais presentes no português. No presente trabalho, partiremos do pressuposto de que o aspecto definido em 3 se refere ao tempo referencial e ao aspecto gramatical, assim como a definição em 1. Não obstante, acreditamos que essas definições não tratem dos mesmos fenômenos, mas sim de diferentes propriedades que fazem parte do sistema de representação do tempo no português. Já a definição do aspecto em 2 se referiria a propriedades mais próximas ao aspecto lexical, porém sob diferentes perspectivas em relação às quais trataremos neste trabalho, pois as propriedades de duração do processo e os graus de desenvolvimento seriam propriedades distintas.

A partir de outra perspectiva, fizemos uma investigação sobre trabalhos que têm no aspecto e suas diferentes realizações no português o seu objeto principal de análise e pesquisa. Dessa forma, pudemos encontrar estudos que nos trouxeram elementos teóricos concomitantes às perguntas levantadas pelo presente trabalho. Bertucci (2011), por exemplo, desenvolve um trabalho detalhado sobre o aspecto a partir de um recorte teórico, pelo qual analisa as propriedades semânticas dos ditos aspectualizadores. Estes seriam verbos com propriedades singulares capazes por si só de trazerem informações léxico-semânticas que poderiam interagir com o tempo e com o aspecto gramatical, através de estruturas perifrásticas.

No entanto, o que mais nos interessa em seu trabalho é a forma como explica inicialmente que o termo “aspecto” vem de uma tradição de pesquisas sobre as línguas eslavas e foi cunhado na literatura linguística com a intenção de significar o modo pelo qual as línguas descreveriam uma determinada eventualidade. Nas línguas eslavas, a maioria dos verbos tem marcas morfológicas que fazem a distinção entre os aspectos perfectivo e imperfectivo, o que contribuiria para que essas línguas se tornassem modelos de análise sobre o tema.

Na sua pesquisa, Bertucci utiliza a teoria de Vendler sobre as classificações aspectuais lexicais, mas a referência em seu trabalho às línguas eslavas também traz elementos teóricos do trabalho de Verkuyl e a sua abordagem composicional como instrumento para a análise do aspecto. Além disso, em termos de relevância para a presente pesquisa, Bertucci diz que o aspecto gramatical pode ser expresso por fatores como a morfologia ou por outros elementos gramaticais presentes na língua portuguesa, como as perífrases. Ele também afirma que, em português, o aspecto perfectivo pode ser expresso pelo morfema *-ou*, em *amou*, e o aspecto imperfectivo pode ser expresso pelo morfema *-ava*, em *amava*, ou por uma perífrase como *estar + gerúndio*, como vemos em *está amando*. Essas definições vão de encontro a nossa

proposta, pois acreditamos, por exemplo, que a realização do perfectivo só acontece no português em verbos no pretérito perfeito, como será explicado mais adiante.

Na pesquisa de Freitag (2011, p. 478), apresenta-se uma definição sobre o que consideramos parte do sistema de tempo e aspecto gramatical da seguinte forma: segundo a sua perspectiva, o passado imperfectivo seria uma função caracterizada temporalmente pela relação de ordenação e sobreposição e, aspectualmente, pela relação de inclusão. Em relação ao tempo, o passado imperfectivo faria referência a uma situação anterior ao momento de fala e simultânea ao ponto de referência, também anterior, daí a noção de passado. Quanto ao aspecto, o passado imperfectivo faria referência a uma situação cujo intervalo inclui o ponto de referência, o que manifesta o andamento da situação em relação à referência, daí a noção de imperfectividade.

Nós concordamos com essas definições, pois parecem ir de encontro ao trabalho de Borik (2002), utilizando como base a teoria de Reichenbach (1947). Contudo, quando Freitag propõe que a expressão do aspecto seja composicional, ou seja, constituída pela interação entre o traço aspectual oriundo do léxico, o morfema gramatical verbal, adjuntos adverbiais e contexto comunicativo, nós entendemos que a composicionalidade aspectual operaria em outro nível, o qual seria a relação da informação semântica contida no verbo sobre o seu tipo de desdobramento que ocorreria (ou não) ao longo do tempo e as informações de caráter crucialmente quantitativas contidas no(s) argumento(s) do verbo. Além disso, repetimos que acreditamos na independência entre tempo e aspecto gramatical de um lado e aspecto lexical de outro. Outro ponto importante no trabalho de Freitag é o fato de que ela utiliza como base teórica, para definição do aspecto lexical (ou *aktionsart*), a classificação vendleriana e o posterior desdobramento de sua teoria por Rothstein (2002, 2012), entre outros.

Na presente pesquisa, tentaremos uma abordagem menos holística, conforme Pustejovsky (1991, p. 37), que explica que um método para a decomposição lexical nos mostraria quais seriam as propriedades semânticas mínimas de um item lexical. Isso nos levaria aos menores elementos passíveis de interação que constituiriam esses itens, de forma idealmente indivisível. Dito de outra forma, seriam os operadores (ou elementos) mais básicos que trabalhariam para a construção do significado na linguagem.

Em outra pesquisa voltada para o português, Basso (2007), apresenta o conceito de aspecto como um conjunto de noções referentes ao fato de um evento estar ou não acabado, tratando perfectividade como aspecto e telicidade como acionalidade (ou *aktionsart*). Desenvolveu seu trabalho sob a perspectiva de que perfectividade e telicidade seriam independentes, utilizando para isso, um conjunto de exemplos e testes específicos para a aferição da telicidade em um conjunto de sentenças que apresentam variações de cunho

temporal e quantificacional, como veremos mais adiante ao analisarmos um quadro, apresentado por ele, de uma análise sobre as relações de perfectividade e telicidade. Nas suas definições (Basso, 2007, p. 219):

a) perfectividade = evento estar concluso ou acabado (tendo ou não um ponto final) – o evento em questão é veiculado sob uma perspectiva que indica que ele não continuará mais ou que se completou. Para explicitar melhor a intuição, tomemos a seguinte sentença: ‘João chegou em casa (1) e guardou o carro na garagem (2)’ – nesse caso, o evento (2) segue o evento (1) justamente por (1) estar acabado: primeiro João chega em casa e depois ele guarda o carro na garagem;

b) telicidade = evento ter um final (estando ou não concluso ou acabado) – o evento em questão tem um término identificável, previsível a partir de seu significado. Ex.: ‘ler o livro’, tem como ponto final a leitura da última página do livro; ‘correr até o supermercado’, tem como ponto final chegar ao supermercado (correndo);

c) perfectividade + telicidade = evento terminado (evento tem um ponto final e o atinge (quando concluso)).

Ainda, Basso expande o seu objeto de pesquisa com uma aproximação semântico-pragmática. O encadeamento de sentenças poderia nos trazer informações valiosas sobre a estrutura temporal de cada sentença, pois haveria combinações e restrições temporais ao utilizarmos uma sentença após outra precedente, trazendo à tona condições específicas que estariam presentes na codificação do tempo e do aspecto realizadas nessas circunstâncias, como vemos na relação de verbos do tipo *accomplishments*<sup>3</sup> e o aspecto perfectivo, em que vemos a interpretação de atingimento do *telos* dada via pragmática (BASSO, 2007, p. 224):

7. (a) João pintou a casa.

(b) João pintou a casa, mas não conseguiu terminar.

Obteríamos, com o conteúdo semântico, a informação sobre o evento ser ou não interrompido. Já o conteúdo pragmático traria informação sobre o alcance do *telos*. Ademais, Basso mostra que a uso do diagnóstico para telicidade por x tempo / em x tempo, criado originalmente para o inglês na forma de *in x time / for x time*, aparenta diferenças na sua interpretação aplicada ao português, como vemos em:

8. (a) João leu o livro [por uma semana].

(b) João leu o livro [em uma semana].

---

<sup>3</sup> *Accomplishment* é um tipo de verbo (ou frase verbal), baseado na classificação de Vendler, como veremos a seguir.

A respeito dos exemplos citados, não poderíamos afirmar que João terminou de ler o livro somente com a sentença “João leu o livro”, pois ambos os testes para aferir o fim ou não de um evento interagem de forma satisfatória com a sentença acima. Ou seja, ao aplicarmos os diagnósticos adverbiais, seguimos sem uma resposta definitiva. Basso propõe que a resposta possa estar em uma relação entre o uso das frases adverbiais e o contexto. Em outras palavras, Basso diz que se estivesse interessado em veicular que o *telos* foi atingido, se limitaria simplesmente em dizer “João leu o livro”, na qual a interpretação de evento terminado seria atingida por princípios pragmáticos<sup>4</sup>.

Em um bom número de trabalhos investigados que abordam o português como objeto de pesquisa, parece evidente a utilização da classificação de Vendler para a análise das propriedades semânticas dos verbos, na investigação de uma série de questões referentes ao aspecto. A relevância de seu estudo sobre aspecto é inegável, sendo considerado um dos criadores desse campo de pesquisa linguística, pois foi capaz de formalizar uma série de questões sobre as propriedades semânticas dos verbos que antes não haviam sido abordadas de forma tão objetiva. Mesmo assim, acreditamos que, em termos formais de pesquisa, as suas classificações também trouxeram uma série de questões de difícil resolução, no que se referem à semântica dos verbos. De acordo com Freitag (2011, p. 485), um problema na classificação de Vendler seria o fato de que uma classe acional poderia “mudar” conforme a situação:

Enquanto desenhar é sempre uma atividade [+ dur.; + din.; + hom.], desenhar um círculo é um *accomplishment* [+ dur.; + din.; - hom.]. A natureza dos determinantes também é relevante, já que desenhar [um, três, os círculos] é um *accomplishment*, mas desenhar círculos é novamente uma atividade.

Outro exemplo seria o verbo “correr”, que poderia ser classificado como atividade – “*Pedro corre com bastante frequência*” – ou como *accomplishment* – “*Pedro correu a maratona estadual*”. Inerente a essa questão, a classificação de Vendler traz uma série de problemas no que tange à quantificação e às propriedades dos argumentos do verbo, pois não deixaria claro se essas propriedades fariam parte da definição do evento ou das propriedades lexicais do verbo. Ainda, podemos perguntar quais seriam as propriedades definíveis e delimitáveis do verbo e dos demais elementos, a partir de seu sistema de classificação, e quais tipos de operações seriam possíveis entre elas.

Esses questionamentos parecem ficar em aberto na sua abordagem, por isso decidimos utilizar como fundamento teórico para o aspecto lexical o trabalho de Verkuyl, como ponto

---

<sup>4</sup> Sobre a teoria pragmática utilizada, ver mais em Basso (2007, p. 224).

de partida na investigação de um modelo que possa tentar demonstrar o funcionamento dos aspectos gramatical e lexical no português de forma independente. Outrossim, a teoria dele parece ser passível de grande interação com os trabalhos de Reinhart e Borik, em especial em relação aos estudos sobre a telicidade e perfectividade. De acordo com Verkuyl (1989, p. 40), sobre o sistema de classificação de Vendler:

Esta é outra maneira de dizer que, na melhor das hipóteses, a proposta de Vendler é uma abordagem composicional não-analisada, não prestando atenção à informação contida nas NPs, dentro e fora da VP. Eu considero isso um retrocesso em relação as propostas apresentadas na primeira década deste século, principalmente no que se refere a literatura alemã sobre aspectualidade, onde seus critérios como o do teste de *por/em uma hora* estava bem estabelecido.

Não seriam as classes aspectuais que explicariam as propriedades aspectuais, mas sim a interação da informação semântica trazida por essas propriedades, a qual seria crucial para a composição do aspecto. A frase verbal teria posição central na construção da estrutura temporal, pois unificaria a informação temporal trazida pelo verbo em conjunto com a informação atemporal trazida pelo seu argumento interno<sup>5</sup>, de natureza quantificacional, produzindo um objeto semântico que estaria disponível para interagir e processar a informação advinda do argumento externo (NP), também de natureza quantificacional.

Verkuyl também diz que a natureza dos objetos (ou argumentos) pode influenciar o aspecto de um verbo e que a oposição entre o aspecto imperfectivo e perfectivo não seria uma questão estabelecida em nível lexical. Ele propõe, ainda, que esse “aspecto” seja removido do verbo e seja atribuído a níveis mais altos da estrutura sentencial, antes de tudo a VP, porque essa estrutura seria composta pelo verbo e seu(s) objeto(s) e porque a natureza da composição dessa estrutura seria determinante para a formação do aspecto.

Por conseguinte, a ideia básica é a de que o verbo precisaria ser especificado quanto a ter um elemento de significado envolvido na composição do aspecto, mas que esse recurso não poderia ser identificado como o próprio aspecto, porque este deveria ser considerado uma propriedade sentencial complexa, advinda da VP (verbo + argumento). Essa argumentação apresenta uma justificativa sobre o porquê de Verkuyl não utilizar a classificação da Vendler na sua análise sobre aspecto. Verkuyl fala, ainda, que Vendler manteve suas definições de aspecto em nível lexical, enquanto ele pretendia não tratar da oposição entre os aspectos

---

<sup>5</sup> Argumento interno é um termo apresentado por Verkuyl (1979, 1989, 1999, 2002) que se refere ao complemento do verbo na formação do sintagma verbal, tendo o verbo como núcleo e o argumento interno normalmente atribuído ao objeto direto.

perfectivo e imperfectivo como propriedades lexicais. Essas argumentações iniciais sobre o tipo de abordagem a ser adotada para a análise do aspecto lexical, assim como seus fundamentos e delimitações, serão explicadas posteriormente no capítulo 2 desta pesquisa.

## 1.2 ASPECTO GRAMATICAL

Diferentes línguas fazem distinções aspectuais variadas. A marcação do aspecto é, muitas vezes, combinada com a marcação de tempo. As distinções específicas podem ser restritas a certos tempos: no latim e nas línguas românicas, por exemplo, a distinção perfectivo-imperfectivo é marcada no passado, pela divisão entre pretéritos perfeitos e imperfeitos. A localização dos eventos, por sua vez, é sinalizada a partir de vários elementos de referência temporal numa sentença, sendo geralmente realizada por meio dos tempos verbais, verbos auxiliares, formas nominais do verbo e formas adverbiais, entre outros elementos. Existe, também, a interferência de outros elementos na delimitação aspectual de uma predicação como, por exemplo, certas operações no predicado e no sujeito, tais como pluralidade, quantificação e referencialidade.

Segundo Comrie (1976), há dois aspectos básicos nas línguas naturais: o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. No perfectivo, o evento é visto como um todo completo, sem a distinção das fases separadas que o compõem; ou seja, o início, o meio e o fim do evento são vistos sem um destaque individual. Já no imperfectivo, seria possível focar o evento em uma parte de sua composição interna, permitindo a visualização de uma de suas fases. Podemos observar alguns exemplos de suas realizações através de diferentes configurações do tempo realizado morfossintaticamente no português:

9. (a) Bernardo com[eu] pipocas. → Perfectivo
- (b) Bernardo com[ia] pipocas. → Imperfectivo - habitual
- (c) Bernardo est[ava] com[endo] pipocas. → Imperfectivo - progressivo

A realização morfossintática do aspecto gramatical, de acordo com Rothstein (2008, p. 1), seria caracterizada por uma morfologia flexional particular (por exemplo, o *imparfait* francês ou o *passé simple*) ou ainda, expressaria uma ação, evento ou estado que se estenderia ao longo do tempo. O aspecto perfeito (ou perfectivo), por exemplo, seria utilizado ao nos referirmos a um evento concebido como limitado e unitário, sem referência a qualquer fluxo de tempo durante esse evento. Já o aspecto imperfeito (ou imperfectivo) seria utilizado para

situações concebidas como existentes continuamente ou repetitivamente, como fluxos de tempo. Outras distinções podem ser feitas, como para distinguir estados e ações em andamento (aspectos contínuos e progressivos) de ações repetitivas (aspecto habitual).

Conforme Smith (1997, p. 7), o ponto de vista aspectual, também chamado de *viewpoint aspect*, torna visível para a interpretação semântica toda ou parte de uma situação, a qual seria geralmente expressa por um morfema associado ao verbo, mas essa definição não seria passível de uma generalização ampla, pois, de acordo com Pancheva (2005, p. 3), a morfologia aspectual encontrada em diferentes línguas do mundo não corresponderia isomorficamente às propriedades semânticas correspondentes, já que nem todas as distinções aspectuais seriam expressas em todos os tempos e modos ou receberiam expressões morfológicas. Além disso, em algumas línguas, uma única representação morfológica apresentaria múltiplas funções aspectuais. No português, que apresenta um conjunto amplo de representações aspectuais gramaticais no seu sistema temporal, o perfectivo pode ser expresso pelo morfema *-ou*, em andou, e o imperfectivo pelo morfema *-ava*, em “cantava” ou então pela perífrase *estar+gerúndio*, em “está cantando”.

Além dessas definições, podemos dizer que o ponto de vista aspectual pode abranger toda uma situação, como ocorre no perfectivo, ou pode abranger apenas uma parte dela, como acontece no imperfectivo. O perfectivo indicaria que a situação deve ser vista como um todo delimitado e examina a situação vista de fora, sem necessariamente distinguir nenhuma de suas estruturas internas. O imperfectivo olharia a situação de dentro, mas delimitado pelos seus limites temporais, e seria fundamentalmente preocupado com sua estrutura temporal interna, onde uma sentença na forma imperfeita descreveria uma situação a partir “de dentro”.

Bertinetto (1997, p. 6), nos dá os seguintes exemplos para os aspectos perfectivo e imperfectivo, os quais formariam a principal oposição utilizada na definição do aspecto gramatical:

10. (a) *Perfect Tense: At 4 o'clock, John went out. (perfectivo)*

(b) Pretérito Perfeito: Às 4 horas, João saiu.

11. (a) *Past continuous tense: John was drawing a circle. (imperfectivo)*

(b) Pretérito Imperfeito: João estava desenhando um círculo.

Em relação ao português, ambos aspectos pertenceriam à categorial gramatical, por serem realizados na língua, em termos de representação, através das flexões verbais simples e nas perífrases verbais. Em conjunto, tempo e aspecto gramatical definiriam a representação

e referencialidade temporal de um evento, mas aparentemente não nos diriam como funcionaria a estrutura interna desse evento, como veremos no capítulo 3.

### 1.3 PERFECTIVO E IMPERFECTIVO

Segundo Garcia (2010, p. 148), a maior parte das línguas que fazem a distinção gramatical do aspecto apresentam a oposição entre perfectivo e imperfectivo, em que o aspecto perfectivo descreveria a situação como um todo único, sem dar atenção às partes que a constituem ou às várias instâncias em que a situação ocorre, enquanto que o aspecto imperfectivo seria responsável pela representação da estrutura temporal interna de uma situação. Como se pode ver a constituição interna de uma situação de várias maneiras, mas só se pode ver, na maioria dos casos, a situação como um todo de uma única maneira, o perfectivo geralmente apresenta uma só forma, enquanto existem vários tipos de imperfectivo.

O perfectivo está preocupado com a forma como descrevemos o tempo de uma ação ou estado de forma completa. No perfectivo, descrevemos uma situação que ocorre em um único momento, não levando em consideração a composição ou estrutura temporal interna do evento apresentado. A referência de tempo sobre o qual o perfectivo transmite relevância em muitos idiomas é especificamente a referência da flexão verbal que representa o tempo, como podemos ver nos seguintes exemplos:

12. (a) Bartolomeu **contemplou** as aves.
- (b) Maria **acabou** a prova.
- (c) João **comeu** batatas.
- (d) #João *estava comendo* batatas.
- (e) #João *comia* batatas.

Acima, podemos ver a realização do tempo verbal através de acontecimentos que ocorreram no passado. Já nos exemplos marcados com #, vemos o tempo realizado de maneira a denotar um evento que teria fases internas, ou, visto de outra forma, um evento que poderia ou não ter chegado ao seu limite ou que denotaria habitualidade<sup>6</sup>.

Quando falamos sobre um evento que denota um processo, descrevendo essa situação como tendo estrutura interna, estamos utilizando o modo imperfectivo. Essa distinção não tem relação com o que realmente aconteceu, não apresenta o todo da situação e, por isso,

---

<sup>6</sup> Habitualidade é um termo que se refere a uma subcategoria do aspecto imperfectivo, como veremos a seguir.

normalmente é apresentada como uma de suas fases de desenvolvimento. Isso equivale a dizer que a noção que caracteriza o aspecto imperfectivo aparece juntamente com as noções aspectuais representadas pelas fases de desenvolvimento da situação. Aqui, ao contrário do que ocorre no perfectivo, seria como se a situação fosse vista de dentro, conforme Comrie (1976).

O que chamamos de imperfectivo tem um significado contínuo, descreve uma situação como acontecendo. Em "Eu estava dirigindo meu carro", seu ponto de referência ocorre durante o ato de dirigir o carro.

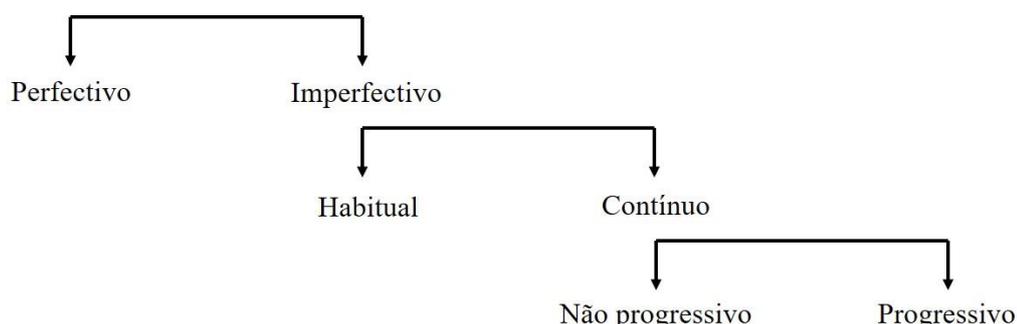
11. (a) O sol **ia caindo** ao entardecer.

(b) O bolo **crescia** no forno.

(c) João **estava dirigindo** o carro.

No perfectivo, o evento é visto como um todo completo, sem a distinção das fases separadas que o compõem, ou seja, o início, o meio e o fim do evento são vistos sem um destaque individual. Já no imperfectivo, seria possível focar o evento em uma parte de sua composição interna, permitindo a visualização de uma de suas fases. Utilizando a sua descrição de aspecto perfectivo e imperfectivo (e subdivisões) como ponto de partida, veremos a seguir um esquema das suas definições sobre as principais propriedades aspectuais relacionadas ao aspecto gramatical:

Diagrama 1. Aspectos perfectivo e imperfectivo



- Perfectivo: o evento é visto como um todo completo, sem distinção de fases.
- Imperfectivo - Habitual: exprime um hábito ou uma repetição regular e constante.
- Imperfectivo - Contínuo: não-habitual, que não se refere a uma repetição regular e constante de uma situação.

- Imperfectivo – Progressivo: é a combinação de continuidade com não-estatividade<sup>7</sup>.
- Imperfectivo – Não Progressivo: é a combinação de continuidade com estatividade<sup>8</sup>.

Vemos, a seguir, alguns exemplos dos aspectos apresentados através de diferentes configurações realizadas morfossintaticamente no português:

12. (a) Bernardo com[eu] pipocas → Perfectivo  
 (b) Bernardo com[ia] pipocas → Imperfectivo - habitual  
 (c) Bernardo hav[ia] *gost[ado]* do passeio → Imperfectivo - não progressivo (estativo)  
 (d) Bernardo est[ava] com[endo] pipocas → Imperfectivo – progressivo

A definição do aspecto imperfectivo não-progressivo apresenta uma relação entre propriedades, as quais acreditamos que operem de forma independente, pois a propriedade lexical do verbo, no caso a estatividade, faria parte da definição do aspecto lexical e o aspecto imperfectivo faria parte de outro sistema, baseado em tempo referencial, como veremos, em seguida, neste capítulo. Basso (2007) apresenta um quadro em que as relações de perfectivo, imperfectivo e telicidade seriam independentes, como vemos abaixo:

Tabela 1. Perfectividade x Telicidade

	Perfectivo	Imperfectivo
<i>Accomplishments</i> (télico, durativo e não-estativo)	João leu o livro.	João lia o livro.
<i>Achievements</i> (télico, não-durativo e não-estativo)	João ganhou a corrida.	João estava ganhando a corrida (mas Pedro o ultrapassou nos últimos 10 metros).
Atividades (atélico, durativo e não-estativo)	João nadou.	João nadava.
Estativos (atélico, durativo e estativo)	João esteve com fome / teve fome (hoje de manhã).	João estava com / tinha fome (hoje de manhã).

Fonte: (Basso, 2007, p. 219)

As definições inicialmente apresentadas sobre o que é e como se constitui o aspecto gramatical e a sua composição a partir da oposição entre o perfectivo e imperfectivo, mesmo sendo mais ontológicas e descritivas do que formais em termos de lógica e semântica, nos

<sup>7</sup> Não-estatividade se refere a uma propriedade lexical do verbo que vai ser apresentada no capítulo 2 deste trabalho.

<sup>8</sup> Estatividade se refere a uma propriedade lexical do verbo que vai ser apresentada no capítulo 2 deste trabalho

ajudarão a entender melhor as formulações que serão apresentadas a seguir, baseadas em tempo referencial e intervalos, pois nos trazem informações e exemplos de algumas das suas realizações possíveis no português e algumas intuições iniciais. Veremos, nos próximos capítulos, uma abordagem diferente, com o intuito de demonstrar a perspectiva dessa pesquisa.

#### 1.4 TEMPO E REFERÊNCIA

De acordo com Smith (2005, p. 1), a compreensão de uma sentença exige que o receptor localize um evento ou estado de forma espacial e temporal, sendo o tempo uma das coordenadas básicas para a condição de verdade dessa sentença, como nos exemplos abaixo:

13. (a) Maria chutou a bola. → Maria não chuta mais a bola.

(b) **Se** chutou (passado) é verdadeiro (V), **então** chuta (presente) é falso (F).

Segundo ela, a categoria de tempo seria empregada para determinar a localização temporal de uma eventualidade descrita em uma sentença em relação a um determinado ponto de "ancoragem" no tempo. Coan et al (2006), de forma mais específica, definem o tempo verbal como uma das várias estratégias desenvolvidas para codificar tempo. Tempo verbal, geralmente, não expressaria o fluxo do tempo, mas simplesmente uma sequência de eventos. Em português, a partir do momento da enunciação, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade, três tempos podem ser descritos: presente, passado e futuro.

No entanto, no português teríamos uma ordenação temporal mais complexa, pois os estados de coisas descritos são ordenados, há um maior número de relações temporais e também temos a codificação do tempo e do aspecto gramatical marcadas explicitamente na morfologia do verbo por morfemas flexionais, os quais apresentam a informação do ponto de referência e do tipo de intervalo (caso haja) no tempo descrito por esse verbo. Podemos dizer também que, no português, uma mesma marca morfológica pode codificar tanto valor temporal quanto valor aspectual. É justamente o que acontece com as desinências dos pretéritos perfeito e imperfeito do português: podemos, por exemplo, associar o aspecto perfectivo em relação ao pretérito perfeito e o aspecto imperfectivo em relação ao pretérito imperfeito, conforme abaixo.

14. (a) Maria comeu uma bolacha. → pretérito perfeito/perfectivo

(b) Maria comia uma bolacha. → pretérito imperfeito/imperfectivo

Mesmo assim, quando nos deparamos com as definições iniciais de tempo e aspecto, em determinadas situações nos parece difícil distinguir entre tempo verbal e aspecto. Aspecto, conforme Hackmack (2011, p. 3), seria outra categoria gramatical do verbo que também diz respeito a questões de temporalidade, mas que, em contraste com o tempo verbal, teria mais que ver com a estrutura temporal do evento ou da própria situação, ou com a forma como essa estrutura temporal estaria representada, faltando, no entanto, o caráter relacional do tempo, como veremos a seguir.

15. (a) Eu li um livro.

(b) Eu estava lendo um livro. {quando me chamaram

Em ambos os casos, o evento (ler um livro) está no passado em relação ao momento em que a sentença é enunciada. Em ambos os casos, o evento terá algum tipo de extensão temporal, mas apenas a segunda frase explica (ou apresenta) essa extensão temporal ou a duração desse evento. Na segunda sentença, é possível localizar um segundo evento [quando me chamaram] a partir do intervalo temporal desse primeiro evento [estava lendo]. Esse exemplo mostra que tempo e o aspecto não devem ser confundidos. Contudo, ambos trabalham de forma conjunta para que sejamos capazes de expressar diferentes localizações e intervalos temporais na linguagem.

Nesta dissertação, vamos analisar a representação de tempo e aspecto gramatical sob a ótica da semântica de intervalo, a qual avalia sentenças a partir de intervalos temporais e formula todas as propriedades temporais dos predicados e orações em relação às propriedades desses intervalos. Essa abordagem, segundo Borik e Reinhart (2004, p. 3), seria crucial para um modelo unificado de tratamento do tempo na linguagem capaz de integrar a telicidade em sua construção, pois capturaria a propriedade básica de não-homogeneidade (essa propriedade vai ser vista no capítulo 2 em maiores detalhes ao apresentarmos as definições de telicidade), a qual parece crucial para a definição de telicidade. Nessa perspectiva, a telicidade seria vista a partir de uma relação entre intervalos e eventos.

Agora, apresentaremos, em parte ainda baseados em intuições, um conjunto inicial de definições para demonstrarmos como tempo e aspecto gramatical seriam codificados no português a partir de intervalos, abordando quais seriam os pontos de referência necessários, quais tipos de intervalo e quais tipos de desdobramento seriam passíveis de análise.

Assumindo que:

( = intervalo aberto

[ = intervalo fechado

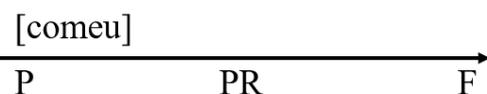
([ = intervalo indefinido (x vezes) → repetição/habitualidade ?

P = passado PR = presente F= futuro

Pi = ponto inicial Pf = ponto final

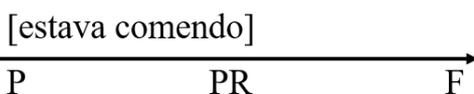
PN1... PN<sub>x</sub>

16. João comeu um sanduíche.



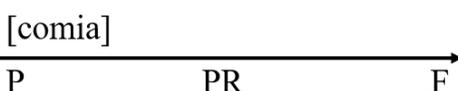
Duração de P: Pi -> Pf

17. João estava comendo um sanduíche.



Duração de P: Pi -/> Pf

18. João comia um sanduíche.



Duração de P: Pi -> PN1... PN<sub>x</sub> -> Pf (depende de conjunção ou advérbio)

A partir desses exemplos, podemos inferir que “comeu” apresenta um fim definido [P: Pi -> Pf] sobre o tempo em que transcorreu o ato de comer. Já “estava comendo” apresenta um evento que começa no passado, mas não parece chegar ao seu fim, ficando subentendido que esse evento pode ser interrompido no transcorrer do seu desdobramento em algum ponto desse intervalo, como vemos na forma de [P: Pi -/> Pf], sendo possível localizar um segundo evento a partir do intervalo temporal desse primeiro. Já “comia” parece denotar uma ação que pode se repetir variadas vezes, sendo cada uma dessas repetições um intervalo de tempo onde a ação parte do início e chega ao seu fim, como se houvesse subintervalos de tempo com intervalos fechados. Ou seja, cada subintervalo teria seu início e chegaria ao seu final, mas, sem termos informação adicional, não sabemos com que frequência ou repetição esse subintervalo [PN1... PN<sub>x</sub>] se sucederia ao longo do intervalo inicialmente definido por [Pi...

Pf]. Ainda assim, podemos assumir que esse intervalo é delimitado antes de chegar ao presente.

A partir dessa análise inicial, vemos que será necessário o uso de referências que nos posicionem em relação aos eventos. Posteriormente, precisaremos tratar de forma mais precisa e integrada as relações possíveis entre esses pontos (ou intervalos, como veremos a seguir). Para isso, vamos agora assumir como base para a análise do tempo referencial na linguagem, ou de outra maneira, para o tratamento de tempo e aspecto gramatical (ou *viewpoint aspect*) de forma unificada, o trabalho de Reichenbach (1947) e seus desdobramentos. Ele propôs uma teoria que tem como principal característica a demonstração da capacidade dos morfemas que denotam tempo, ao se combinarem com o radical do verbo, de serem capazes de relacionar três momentos distintos que seriam fundamentais para a compreensão da localização de um evento no tempo, como veremos adiante.

Desde a sua formulação, a proposta teórica de Reichenbach se tornou referência na análise dos tempos verbais, pois fornece indicações para situar o momento de evento, isto é, para localizar no tempo a ação expressa pelo verbo. Isso significa, também, segundo sua teoria, que, para localizarmos linguisticamente uma situação no tempo, necessitamos de três referências temporais e duas relações. Seriam essas o Momento do Discurso (ou *Speech*) (MS ou S), que seria o tempo quando ocorre o discurso; Momento do Evento (ME ou E), que significa o tempo em que um evento ou um estado ocorre ou se mantém; e o Momento de Referência (MR ou R), que seria o ponto de vista temporal ou a perspectiva a partir da qual a situação é apresentada.

As relações se dão da seguinte forma: o Momento do Discurso (MS) está relacionado ao Momento de Referência (MR) e ao Momento do Evento (ME), pelas relações de simultaneidade e sequência. A aplicação da sua teoria no sistema verbal português nos permitirá entender como a denotação do tempo ocorre em termos de localização de um evento referente a esses momentos e como são construídas as relações entre presente, passado e futuro. Conforme Borik (2002, p. 97), a base dessa representação é vital para uma interpretação conceitual plena de um sistema referente a tempo e eventos, nos possibilitando entender como o tempo opera por meio de algum tipo de intervalo que delimitaria o evento descrito, como veremos ao longo deste trabalho.

Nesta parte, descreveremos alguns tempos verbais e parte dos aspectos perfectivo e imperfectivo e traçar o seu mapeamento em relação a sua representação morfossintática no português. Essa teoria também nos trará a possibilidade de construir individualmente as relações de tempo e aspecto gramatical, pois conseguiremos estabelecer diferentes relações entre S, R e E, assim podendo descrever individualmente as relações de interpretação temporal

e a construção morfológica do tempo. As relações principais entre S, E e R seriam, segundo a definição de Reichenbach:

Em uma frase como "Peter tinha ido.", vemos que a ordem do tempo expresso na flexão do verbo não diz respeito a um evento, mas dois eventos, cujas posições são determinadas em relação ao ponto de discurso. [...]. o ponto do evento é o momento em que Peter foi; O ponto de referência é um tempo entre este ponto e o ponto de discurso.

Além disso, Reichenbach percebe que, sem que haja restrições, as possibilidades lógicas de seu sistema em relação às ordenações entre E, R e S podem gerar um número excessivo de combinações. Ele, então, propõe as seguintes restrições:

A posição de R relativa a S é indicada pelas palavras "passado", "presente" e "futuro". A posição de E relativa a R é indicada pelas palavras "Anterior", "simples" e 'posterior', a palavra "simples" sendo usada para a coincidência de R e E.

Podemos, assumir, então, que, a partir das definições de E, R e S e as definições dos tempos verbais no português, que uma ação pode ocorrer nos seguintes momentos:

Tabela 2. Relações entre S e R

Relações entre S e R	Tempo	Exemplos
S, R	simples - presente	João corre no parque.
R_S	anterior - passado	João correu no parque.
S_R	posterior - futuro	João correrá no parque.

Teremos, além disso, as relações aspecto-temporais, que já fazem parte do que podemos chamar de aspecto gramatical. Elas não seriam responsáveis por codificar a localização de um evento no tempo, mas sim o tipo de intervalo formado pela relação de E e R. Michaelis (2006, p. 20) diz que existem concepções errôneas acerca do conceito do tempo na linguagem, sendo um dessas situações aquela em que se diz que o tempo verbal localizaria as situações. Na verdade, o tempo meramente localizaria o momento de referência (R) em relação ao momento do discurso (S), enquanto o aspecto determinaria a maneira pela qual a situação denotada seria definida através dos tipos de intervalos compostos pelos pontos E e

R, onde, seguindo com a teoria de Reichenbach, podemos traçar uma conexão inicial entre essas relações e a descrição de alguns pretéritos no português. Assim, teremos:

Tabela 3. Relações entre E e R

Relações entre E e R	Pretérito	Exemplos
E, R	pretérito perfeito	João caiu no chão.
E_R	pretérito mais-que-perfeito	João tinha caído no chão.
E_(?)_R	pretérito imperfeito	João estava caindo no chão.

É importante ressaltar, na relação entre “tinha caído” e “estava caindo”, que não nos parece que ela possa ser propriamente comparada e analisada pela ordem de E e R, ou por ter ou não um intervalo entre si, mas sim pelo tipo de intervalo que cada situação oferece e pela maneira como esse intervalo vai ser delimitado, como observaremos ainda neste capítulo.

Veremos, a seguir, um quadro mais extenso sobre as diferentes combinações entre S e R, as quais seriam responsáveis pela localização de um evento no tempo e as possíveis relações de E e R, onde poderemos ver a formação de certos tempos verbais.

Tabela 4. Relações entre E, S e R

	S,R (presente)	S-R (futuro)	R-S (passado)
E,R (simultâneo)	E,R,S (presente)	S-E,R (futuro do presente)	E,R-S (pretérito perfeito)
R-E (anterior)	S,R-E (futuro)	S-R-E * (futuro do pretérito composto)	R-S-E (futuro do pretérito)
E-R (posterior)	E-S,R (pretérito perfeito composto)	S-E-R (futuro do presente composto)	E-R-S (pretérito mais-que-perfeito composto)

A partir da tabela acima, conseguimos traçar algumas correlações entre as possibilidades de realizações dos tempos apresentados pelas combinações de E e R em conjunto com R e S em relação ao português, mas o sistema de Reichenbach não parece conseguir captar todas as complexidades combinatórias existentes. Ainda assim, vamos apresentar alguns exemplos de tempos verbais que seriam adequadamente descritos pela teoria, na sequência:

Tabela 5. Tempos e modos verbais

MODO INDICATIVO		
E,R,S	João corre na praia.	presente
S-E,R	João correrá na praia.	futuro do presente
<b>E,R-S</b>	<b>João correu na praia.</b>	<b>pretérito perfeito</b>
S,R-E	João correrá na praia.	futuro do presente
S-R-E	João teria corrido na praia.	futuro do pretérito composto
R-S-E	João correria na praia.	futuro do pretérito
E-S,R	João tem corrido na praia.	pretérito perfeito composto
S-E-R	João terá corrido na praia.	futuro do presente composto
E-R-S	João tinha corrido na praia.	pretérito mais-que-perfeito composto

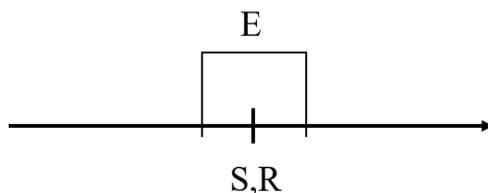
Um problema que permanece nessa teoria seria como diferenciar a progressividade em relação às outras variantes do aspecto imperfectivo. Travaglia, Mattoso e outros autores definem o pretérito imperfeito, por exemplo, como sendo o de um aspecto imperfectivo com o traço da habitualidade, pois pressupõe-se que o uso do verbo no pretérito imperfeito denotaria um intervalo temporal em que a ação ou processo descritos pelo verbo poderiam ocorrer diversas vezes ao longo desse intervalo de tempo, inicialmente indefinido e dependendo para a informação de sua duração o uso de um advérbio, entre outros recursos linguísticos. Já o aspecto progressivo descreveria um evento delimitado por um intervalo que teria um início claro, mas não teria um fim definido, em termos de tempo, apresentando a noção de que poderia ser interrompido antes de atingir o fim do seu intervalo, como podemos no exemplo:

19. (a) João jogava bola {todos os finais de semana / no colégio

(b) João estava jogando bola {quando sua mãe o chamou para jantar / mas cansou

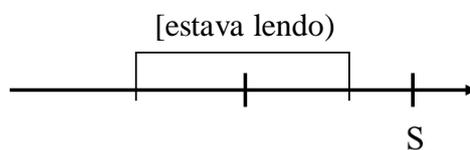
Ao analisar o aspecto progressivo, Hackmack (2011, p. 3) diz que duas funções desse aspecto seriam salientes: o presente progressivo poderia indicar que o evento ocorre no próprio momento da fala, conforme abaixo:

20. Pedro está fumando.



O passado progressivo poderia ser utilizado para expressar algum tipo de quadro (*frame* ou intervalo) temporal:

21. João estava lendo um livro.



A partir dessa análise inicial, vamos delimitar o escopo do trabalho baseados na oposição entre o aspecto perfectivo e imperfectivo, mas também incluindo o aspecto progressivo, todos realizados no passado. Por esse motivo, vamos trabalhar com as seguintes configurações temporais e suas subsequentes definições:

Modo verbal → Indicativo

Pretéritos → perfeito, imperfecto, imperfecto composto

Como nos exemplos a seguir:

22. (a) Maria correu um quilômetro.

(b) Maria corria um quilômetro.

(c) Maria estava correndo um quilômetro.

Além dessa delimitação sobre modo e tempo verbal, ao apresentarmos as definições sobre as propriedades lexicais dos verbos no capítulo 2, vamos restringir como objetos de pesquisa um pequeno grupo de verbos com propriedades semânticas distintas.

## 1.5 PRETÉRITOS NO PORTUGUÊS: SEMÂNTICA DE INTERVALOS

Para tratar das relações entre os momentos e perspectivas (ou tempo morfológico) que constituiriam a representação do tempo na linguagem, pelo menos no que tange ao português, vamos utilizar o sistema proposto por Reinhart (1986), que modifica a teoria de Reichenbach com o intuito de descrever de forma mais precisa o sistema de tempo e o aspecto gramatical, propondo um sistema diferente de interações entre R, E e S. Sua teoria é inicialmente construída a partir de uma análise do inglês, mas acreditamos que, mesmo podendo haver necessidade de pequenas adequações à sua proposta teórica, ela poderá ser aplicada de forma satisfatória ao português. A teoria de Reinhart é construída a partir dos fundamentos da semântica de intervalo, o que significa que a denotação de E, R ou S é sempre um conjunto de intervalos temporais. Veremos, na sequência, como o sistema modificado de S-R-E de Reinhart é inicialmente dado.

- a relação de E-R é fixa, ou seja,  $E \subseteq R$  por padrão (com exceção do progressivo).
- a relação de S-E determina as condições de verdade e a interpretação temporal de uma sentença.
- a relação de S-R determina a perspectiva e a realização do tempo morfológico.

De acordo com Reinhart (1986), por estamos trabalhando com intervalos temporais, existem duas relações básicas que podem ser estabelecidas: sobreposição e precedência. Se dois intervalos se sobrepõem, nenhuma relação de precedência estrita poderia ser estabelecida entre eles. Assim, a primeira coisa a observarmos em cada situação seria a intersecção entre um par de intervalos e, caso esteja vazio, determinar a relação de precedência entre esses intervalos e assumir a configuração padrão de  $E \subseteq R$ , a qual seria sempre obtida, com exceção do aspecto progressivo, podendo então observar as possibilidades que surgem quando o intervalo S entra na relação.

Podemos considerar que as condições abaixo seriam parte do pressuposto para que o aspecto seja perfectivo (no caso de  $S \cap R = \emptyset$ ). Podemos, também, estabelecer uma relação de precedência entre S e R imediatamente. Como E está incluído em R, a relação relevante segue automaticamente a partir da relação de R e S.

Se  $S \cap R = \emptyset$  (perfectividade) então  $E \subseteq R$  (fixo) &  $S < R$  (futuro)  
ou  $E \subseteq R$  (fixo) &  $R < S$  (passado)

Se a interseção entre S e R não está vazia, podemos observar a relação entre E e S. Existem, novamente, duas possibilidades lógicas: S e E se sobrepõem ou não. Se o último for o caso, uma relação de precedência pode ser estabelecida entre eles:

Se  $S \cap R \neq \emptyset$  (imperfectividade) então  $E \subseteq R$  (fixo) &  $S \cap R \neq \emptyset$  &  $S < E$  (futuro)  
ou  $E \subseteq R$  (fixo) &  $S \cap R \neq \emptyset$  &  $E < S$  (passado)

No português, o tempo no passado pode ser imperfectivo ou perfectivo. Segundo Reinhart, a representação do passado imperfectivo (ou imperfectivo) deveria apresentar algum tipo de relação com a forma como seria determinado o aspecto morfológico. A interpretação temporal (isto é, a relação entre S e E) deveria acontecer no passado, o que produz a seguinte configuração:

$E \subseteq R$  (não-progressivo) &  $S \cap R \neq \emptyset$  (imperfectivo) &  $E < S$  (passado)

O aspecto perfectivo exclui a possibilidade de interpretação progressiva, então deduzimos que as condições de perfectividade também exigem que a relação padrão entre E e R seja realizada, ou seja, que E seja um subconjunto de R. Essas duas condições (S não se sobrepõe com R e E está incluído em R) definem o aspecto perfectivo:

Aspecto perfectivo:  $E \subseteq R$  (não-progressivo, fixo) &  $S \cap R = \emptyset$

Já o aspecto imperfectivo acontece quando pelo menos uma dessas condições não é cumprida, isto é, a ausência do perfectivo:

Aspecto imperfectivo:  $\neg E \subseteq R \vee S \cap R \neq \emptyset$

Na representação acima, o aspecto imperfectivo pode resultar em seu modo progressivo quando a primeira condição de perfectividade não for mantida, isto é, a configuração  $\neg E \subseteq R$  acontece. O aspecto imperfectivo também pode ocorrer quando a outra condição de perfectividade ( $S \cap R = \emptyset$ ) não é válida. Dessa maneira, o imperfectivo é apresentado com a possibilidade de ter duas realizações, uma das quais seria o aspecto progressivo.

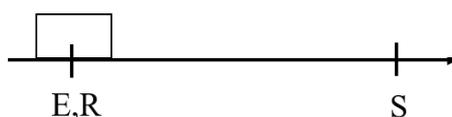
Analisaremos, agora, se essas representações captam em termos de intervalos os tempos verbais escolhidos como parte do recorte teórico deste trabalho. A questão crucial aqui será a

forma como vamos diferenciar o aspecto imperfeito do progressivo. Para isso, vamos usar a formulação de Reinhart sobre uma das duas condições que devem ocorrer para que tenhamos o imperfeito, a qual seria  $\neg E \subseteq R$ , significando que o momento de evento E não estaria propriamente contido no momento de referência R, o que acreditamos ir de encontro ao conceito de imperfectividade (e habitualidade), ou em termos mais formais, teríamos um intervalo que se estenderia de forma indefinida, ou seja, o evento não estaria propriamente contido no intervalo, pois não sabemos o seu limite. Vemos, a seguir, um delineamento do sistema que representaria os tempos escolhidos em conjunto com o aspecto gramatical, onde inicialmente observamos o aspecto perfectivo e o imperfeito:

23. Maria correu um quilômetro.

Pretérito perfeito (perfectivo) =  $\exists E, R, S (E \subseteq R \ \& \ R < S)$

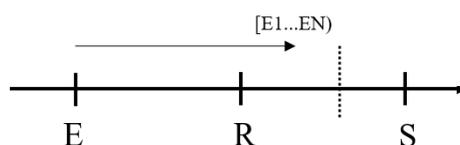
[correu]



24. Maria corria um quilômetro.

Pretérito imperfeito (imperfectivo) =  $\exists E, R, S (\neg E \subseteq R \ \& \ R < S)$

[corria]



No aspecto progressivo, R não teria a obrigação de ser um subintervalo propriamente incluso em E. Consequentemente, não podemos inferir um limite para o intervalo realizado a partir da relação  $R \subseteq E$ , como vemos no exemplo 25, abaixo. Isso equivale a dizer que no aspecto progressivo não podemos inferir que a duração do intervalo possa ser apontada sem que haja uma informação adicional, mas podemos inferir que o intervalo proposto não seria limitado por essa relação. Caso não tenhamos um agente (ou argumento, como veremos em maiores detalhes no capítulo 2), teríamos uma relação indefinida em termos de duração e que não teria um limite conclusivo. Segundo Borik (2002, p. 132), na representação do aspecto progressivo no passado, temos que R precede S e se R não é um subintervalo incluso em E,

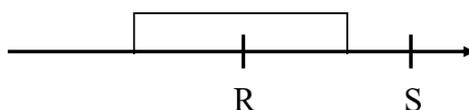
então a relação entre E e S não poderia ser estabelecida, o que vai ser visto quando apresentarmos o teste de inferência no progressivo (no capítulo 2) o qual se utiliza dessa relação entre R e E para a aferição de um predicado télico ou atélico.

25. Maria estava correndo um quilômetro.

Pretérito imperfeito composto (progressivo) =  $\exists E, R, S (R \subseteq E \ \& \ R < S)$

[estava correndo]

E



Ao finalizar o capítulo 1, apresentamos um conjunto inicial de instrumentos e definições que esperamos que sejam capazes de capturar os fenômenos de tempo e aspecto gramatical em algumas de suas realizações no português, a partir das configurações temporais propostas, e que possam fazer isso de forma independente em relação ao parâmetro da telicidade, como veremos na sequência deste estudo, no capítulo 3. A interação desse sistema de tempo intervalar com o parâmetro de evento (*e*) a partir do aspecto lexical (ou telicidade) nos trará mais informações sobre as possíveis consequências dessas interações.

## 2 ASPECTO LEXICAL

Neste capítulo, abordaremos a segunda parte de um sistema de representação de eventos no português, que seria constituído pelo tempo definido a partir de intervalos e pelas propriedades lexicais dos verbos, tendo a telicidade como seu principal parâmetro. Partiremos de uma análise sobre a lexicalidade dos verbos, com o objetivo de entendermos os seus fundamentos semânticos e, após, faremos uma investigação sobre os conceitos que definiriam a telicidade. Analisaremos, então, as formas de averiguar se um predicado é télico ou atélico por meio de testes de identificação da telicidade com o uso de advérbios temporais e análises sobre os conceitos que definiriam as propriedades dos eventos. Além disso, vamos investigar a telicidade de um evento a partir da interação do verbo com seu(s) argumento(s), como forma de demonstrarmos quais informações semânticas estariam contidas em cada elemento dessa interação, ao tratarmos da terminatividade (ou telicidade) desse evento.

Como resultado dessa análise investigativa, vamos apresentar definições semânticas das propriedades lexicais dos verbos e veremos como obter o valor de E ou *e* (evento), em termos de terminatividade (ou telicidade), para a subsequente utilização dessas definições e propriedades de forma integrada, na qual os sistemas responsáveis pela codificação do tempo (e seus intervalos) e aspecto (e os tipos de eventos) operariam de forma independente, mas unificada a partir de um evento e passível de análise.

### 2.1 PROPRIEDADES LEXICAIS DOS VERBOS

O aspecto situacional, também chamado de aspecto interno, aspecto lexical ou *aktionsart*<sup>9</sup>, apresenta situações que se desdobram no tempo de diferentes maneiras. Esse componente do significado aspectual de uma sentença classifica a situação de acordo com suas propriedades lexicais as quais, conforme Borik (2002, p. 2,12), seriam definidas em grande parte por suas propriedades télicas, que por sua vez seriam determinadas pela relação entre o tipo de intervalo e o tipo de evento, o qual se encontra ou se relaciona de alguma forma com esse intervalo. De acordo com Mendes (2015, p. 12), o aspecto lexical seria definido a partir das propriedades internas do predicado e sua relação com o tempo, a partir de dois pontos de vista, os quais seriam o filosófico-ontológico, que explicita características da natureza do evento, e o ponto de vista linguístico, que explicaria a distribuição de certos

---

<sup>9</sup> *Aktionsart* seria uma propriedade de predicados (principalmente verbais). Trata-se do contexto interno temporal de um tipo de situação denotada por um determinado predicado. O termo (originalmente alemão) *aktionsart* é aproximadamente equivalente aos termos aspecto lexical e tipo de ação.

adjuntos e a validade de algumas inferências. Vendler (1957, p. 147) apresenta dois exemplos em que as propriedades lexicais dos verbos os tornariam incompatíveis com determinado tempo verbal (no caso, o presente contínuo no inglês):

26. # *I'm recognizing it. ACHIEVEMENT*

“Eu estou reconhecendo (isso).”

27. # *I'm loving it. ESTADO*

“Eu estou amando.”

Nesta pesquisa, trabalhamos com a perspectiva de que as propriedades lexicais do verbo não interagem diretamente com a realização morfossintática do tempo. Além disso, não vamos trabalhar com os verbos estativos, os quais são apresentados nos exemplos acima, apesar de utilizarmos instrumentos capazes de lidarem com esse tipo de verbos. Isso não significa, contudo, que essa investigação acredite que certas propriedades lexicais não teriam algum tipo de correspondência ou interação em relação ao tempo, mas acreditamos que os sistemas não interajam de forma direta, sendo formulados de maneira independente, como veremos no capítulo 3.

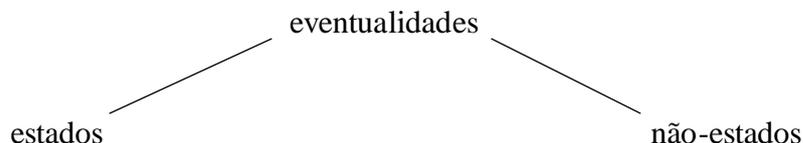
Inicialmente, investigaremos os conceitos que definem a lexicalidade de um verbo com o objetivo de entendermos as propriedades a partir das quais os itens lexicais seriam estabelecidos e classificados, para então analisarmos uma construção conceitual menos descritiva e mais explanatória. Em termos ontológicos, Levin (2007, p. 2) diz que as principais noções aspectuais seriam:

- Eventos que envolvem mudança: **dinamicidade (não-estativos)**  
Verbos: correr, caminhar, dormir, alcançar, vencer, quebrar.
- Eventos que não envolvem mudança: **estatividade (estativos)**  
Verbos: odiar, amar, saber, acreditar, ser *algo*.

A partir dessa divisão, podemos perceber que, em relação aos verbos estativos, esse tipo de verbo não teria mudanças ou transições essenciais, o que significa, segundo Kearns (1991, p. 163), que ele é contínuo e não está essencialmente limitado em relação a sua duração, ou terminatividade, como veremos a seguir. Já os verbos não-estativos apresentam algum tipo de processo ou mudança na sua realização ou, como explica Comrie (1976), os verbos não-

estativos requerem energia para manterem o evento que realizam. Kamp e Reyle (1998, p. 74) definem a relação de evento atrelada a algum tipo de intervalo. Eles também distinguem eventos apenas em estados e não-estados, da seguinte forma:

Diagrama 2. Eventualidades



Através da sua abordagem, eles demonstram que estados e não-estados têm diferentes consequências temporais, conforme os exemplos abaixo:

*Mary was ill last Sunday.*

Mary estava doente no último domingo.

CONSEQUÊNCIA POSSÍVEL 01 - Mary estava doente no último domingo.

No entanto, sábado e segunda-feira ela estava bem.

CONSEQUÊNCIA POSSÍVEL 02 - Mary estava doente no último domingo.

Na verdade, ela estava doente a semana inteira.

*Mary wrote a letter last Sunday.*

Mary escreveu uma carta no último domingo.

CONSEQUÊNCIA POSSÍVEL - Mary escreveu uma carta no último domingo.

#Na verdade, ela levou a semana inteira.

Kamp e Reyle concluem que estados só precisam se sobrepor em relação ao tempo de referência. Quanto aos eventos (não-estados), devem ser adequadamente incluídos no tempo de referência. Essa abordagem, apesar de apresentar um caráter mais descritivo, é parcialmente utilizada por Borik e Reinhart na sua concepção de telicidade a partir da relação de um evento com um determinado intervalo. Veremos essa teoria em maiores detalhes na sequência deste capítulo.

Além da oposição entre estativos e não-estativos, existem outras oposições que fariam parte das propriedades (ou traços) aspectuais dos verbos. Diversos autores, entre eles Kearns (2000, p. 211) e Dorr e Olsen (1997, p. 153), tentaram caracterizar as classes aspectuais em termos de conjuntos de propriedades, os quais acreditamos serem úteis para obtermos uma compreensão básica sobre as classes aspectuais e as possíveis relações entre elas. As principais classes acionais referentes às propriedades com as quais poderíamos identificar os tipos de aspectos seriam:

- Estatividade x Dinamicidade: possibilidade de um predicado descrever, respectivamente, um estado que não se altera em qualquer período de tempo ou uma sucessão de estados ou estágios de um processo, que transcorre no tempo.
- Telicidade x Atelicidade: possibilidade de um predicado apresentar, respectivamente, um fim, ou *telos*, predeterminado ou não.
- Pontualidade x Duratividade: um evento que não se prolongaria no tempo, no primeiro caso, ou contrariamente, um evento ou estado que se prolongue por um determinado período de tempo.

Vamos apresentar, agora, um conjunto de classificações dos traços aspectuais que descreveriam a grande maioria das propriedades lexicais de um verbo, a partir do trabalho de Zeno Vendler. Em seu artigo “*Verbs and Times*”, publicado originalmente em 1957, mostra a classificação dos aspectos lexicais dos verbos por meio de um sistema de propriedades específicas. De acordo com Rothstein (2008, p. 2), a partir de Vendler surgiram uma série de discussões sobre o que seriam essas propriedades:

Enquanto linguistas continuam a falar como se propriedades aspectuais fossem propriedades de entidades "lá fora" no mundo (Bach 1981, 1986), a ideia de que as propriedades aspectuais são propriedades de descrições de eventos ou de eventos sob uma descrição particular é suportada por Parsons (1990) e Landman (2000). Eles argumentam que os eventos são apenas indivisíveis sob determinadas descrições e não têm qualquer estrutura atômica inerente (Partee 1999 e Filip 1993). Por outro lado, um forte argumento em favor de uma teoria em que os próprios eventos têm propriedades vem de Kamp (1979), que argumenta que a mudança é um conceito primitivo e que a distinção entre eventos estáticos e eventos de mudança é uma propriedade primitiva em qualquer teoria.

Voltando a Vendler, ele fala inicialmente sobre o fato de que os verbos denotarem tempo indica que considerações que envolvem o conceito de tempo são relevantes para seu uso. Porém, essas considerações não se limitariam apenas à discriminação entre passado, presente e futuro; existiria também uma dependência mais sutil acerca desse conceito: o uso de um verbo também poderia sugerir maneiras particulares em que ele pressupõe e envolve a noção de tempo. Essas particularidades seriam descritas a partir de uma distinção entre diferentes tipos de eventos. Seriam estes: estados (*states*), atividades (*activities*), realizações (*achievements*) e “conclusões” (*accomplishments*). Vejamos alguns exemplos:

- *States* (Estados): são estáticos e não têm um ponto final ("saber", "amar").
- *Activities* (Atividades): são dinâmicas e não têm um ponto final ("executar", "correr").
- *Achievements* (Realizações): têm um ponto final e são incrementais ou graduais ("pintar um quadro", "construir uma casa").
- *Accomplishments* (Conclusões): têm um ponto final e ocorrem instantaneamente ("reconhecer", "perceber").

Existe consenso de que Vendler propôs uma análise em nível lexical, ou seja, descrevendo as propriedades verbais de forma isolada, não necessariamente levando em consideração a estrutura da sentença a qual determinado verbo pertença, mas também podemos dizer que a sua abordagem, mesmo que apoiada em certas relações entre verbo e argumento, seria de cunho holístico, pois existiria uma maior preocupação com a descrição dos fenômenos apresentados do que com os fundamentos que explicariam os elementos que constituiriam esses fenômenos.

Vendler, ao longo da sua teoria, descreve as propriedades lexicais dos verbos, mas é Dowty (1979) que desenvolve, a partir da classificação de Vendler, uma série de diagnósticos para determinar as propriedades aspectuais, ao utilizar predicados verbais nas quatro diferentes classes de acordo com uma lógica de implicações, interações com modificadores temporais e interação com o tempo. A tabela a seguir resume esses diagnósticos:

Tabela 6. Testes de classificação aspectual

Tabela de diagnósticos de Dowty	STATE	ACTIV	ACCO	ACHIEV
Atende a testes não-estáticos	<i>no</i>	<i>yes</i>	<i>yes</i>	<i>?</i>
Interpretação habitual no tempo presente	<i>no</i>	<i>yes</i>	<i>yes</i>	<i>yes</i>
"por uma hora"	<i>ok</i>	<i>ok</i>	<i>ok</i>	<i>bad</i>
V por uma hora implica V durante esta hora	<i>yes</i>	<i>yes</i>	<i>no</i>	<i>DNA</i>
"em uma hora"	<i>bad</i>	<i>bad</i>	<i>ok</i>	<i>ok</i>
X Ved (-do) em uma hora implica x foi Ving (-ndo)	<i>DNA</i>	<i>DNA</i>	<i>yes</i>	<i>no</i>
X é Ving (-ndo) implica que x tem Ved (-do)	<i>yes</i>	<i>yes</i>	<i>no</i>	<i>DNA</i>
Complemento de "parar"	<i>ok</i>	<i>ok</i>	<i>ok</i>	<i>bad</i>
Complemento de "acabar"	<i>bad</i>	<i>bad</i>	<i>ok</i>	<i>bad</i>
Ambiguidade com quase	<i>no</i>	<i>no</i>	<i>yes</i>	<i>no</i>
Ocorre com cuidadosamente	<i>bad</i>	<i>ok</i>	<i>ok</i>	<i>bad</i>

Fonte: (Dowty, 1979, p. 60)

Essa abordagem amplia consideravelmente o alcance da teoria de Vendler, mas alguns fenômenos não parecem estar contemplados dentro desse quadro teórico. Smith (1997, p. 3) apresenta um novo tipo de situação, ou propriedade lexical, ao distinguir cinco tipos de situações: estado (*state*), atividade (*activity*), realização (*accomplishment*), conquista (*achievement*) e semelfactivos, sendo que esta última propriedade aspectual seria constituída através dos traços de dinamismo (*dynamism*), pontualismo (*punctual*) e telicidade (*telicity*):

Tabela 7. Propriedades aspectuais com semelfactivos

Tipo de Situação	Propriedades aspectuais/temporais	Exemplos
<i>States</i>	Estativo, durativo	Saber a resposta; amar Mary.
<i>Activities</i>	Dinâmico, durativo, atélico	Rir; correr no parque.
<i>Accomplishments</i>	Dinâmico, durativo, tético	Construir uma casa, caminhar para a escola.
<i>Semelfactive</i>	<b>Dinâmico, punctual, atélico</b>	<b>Bater (na porta), tocar (na campainha).</b>
<i>Achievements</i>	Dinâmico, punctual, tético	Ganhar a corrida, alcançar o cume.

Nessa nova classe aspectual, ou tipo de situação, os verbos teriam como propriedade única a capacidade de apresentarem situações nas quais a principal distinção diz respeito a se

um evento é ou não definido como tendo duração ou como sendo instantâneo. As situações instantâneas poderiam, no entanto, ter alguma duração. Como dizem Pancheva e Bhatt (2005, p. 11), um evento como "encontrar seu relógio no jardim" poderia ter uma transição diferente de zero (ou não-instantânea) entre estado inicial em que o relógio não foi encontrado até o estado no qual o relógio foi encontrado, mas isso não desqualificaria a distinção. Já em um verbo semelfactivo, como tosse, os eventos de tossir certamente teriam duração, mas nós os trataríamos como eventos instantâneos.

Apesar de que a pesquisa sobre as classificações aspectuais tragam uma discussão relevante para o estudo do aspecto sob um prisma amplo, não nos aprofundaremos nessa discussão, pois vamos tratar especificamente dos diagnósticos sobre telicidade, ainda neste capítulo, com o intuito de seguirmos no nosso recorte teórico. Ademais, essas classificações desempenham um papel importante na taxonomia do processo linguístico até os dias atuais. Contudo, é importante ressaltar que a perspectiva deste trabalho se baseia na percepção de que a aspectualidade se manifesta a partir da relação do verbo com os demais elementos constituintes de um determinado evento. Ainda, salientamos que um dos objetivos desta dissertação é compreender os componentes linguísticos mínimos que, combinados, participariam da formação do aspecto lexical.

Vemos ainda que a pesquisa nessa área, ao longo das últimas décadas, tem demonstrado que o aspecto lexical é essencialmente uma propriedade da estrutura das sentenças. Verkuyl (1972, p. 46). Por exemplo, diz-se que o objeto direto pode pelo menos influir em algum tipo de significado temporal básico de um verbo dentro da estrutura de uma VP. Essa perspectiva traz consigo a necessidade de entendermos quais elementos léxicos e semânticos seriam decompostos e/ou distribuídos entre verbos e argumentos, ou, conforme Pustejovsky (1991, p. 40):

Gostaríamos de sugerir que a decomposição lexical (e conceitual) é possível se for realizada de forma generativa. Ao invés de assumirmos um conjunto fixo de primitivas, vamos assumir um número fixo de dispositivos geradores que podem ser vistos como construtores de expressões semânticas. Assim como uma linguagem formal seria descrita em termos de gramática ao invés do vocabulário que a acompanha, uma linguagem semântica deveria ser definida pelas regras que geram as estruturas das expressões, ao invés de um vocabulário de primitivas.

Ainda de acordo com o referido autor, qualquer verbo em linguagem natural pode ser caracterizado como pertencente a um dos três tipos básicos de eventos: estados, processos ou transições. Salvo indicação em contrário, a estrutura do evento seria interpretada como

representando tanto a precedência temporal como a inclusão de evento. Ou seja, para um evento  $e$ , representado como  $[e_1 e_2]$ , a interpretação pretendida seria a de que um evento conteria dois subeventos,  $e_1 e_2$ , em que o primeiro precede temporariamente o segundo e não haveria outros eventos contidos localmente no evento  $e$ . Vejamos, a seguir, esses tipos de eventos e suas definições básicas (baseadas em Pustejovsky 1991, p. 40):

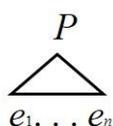
- **ESTADO:** um único evento, que não é concebido em relação a outro evento.  
Exemplos: amar, conhecer.

Representação estrutural:



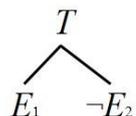
- **PROCESSO(P):** sequência de eventos que identificam a mesma expressão semântica.  
Exemplos: correr, empurrar.

Representação estrutural:



- **TRANSIÇÃO (T):** Um evento é interpretado em relação a sua oposição.  
Exemplos: abrir, construir.

Representação estrutural (em que E é uma variável para evento):



A abordagem de Pustejovsky diz respeito à especificação aspectual dos verbos sob uma perspectiva mais derivacional, como podemos ver nos exemplos acima. A descrição dos tipos de eventos denotados pelos verbos é tratada a partir de uma análise dos tipos de desdobramentos, ou transformações, que ocorreriam ou não ao longo do tempo. Esse tratamento dado ao tipo de eventividade dos verbos segue com as premissas escolhidas para

esta pesquisa, na qual buscamos uma análise menos holística e mais analítica. Ainda assim, essa abordagem sofre críticas de Verkuyl (1999, p. 89), que utiliza uma partição lexical entre eventos e não-eventos somente, como ele demonstra no seguinte exemplo (e subsequente análise):

28. (a) John caminhou.  
 (b) John caminhou para casa.  
 (c) Pessoas caminharam para casa.

Segundo Verkuyl, uma consequência não desejável na abordagem de Pustejovsky seria a de que em sentenças durativas, como em (26c), seria necessário voltarmos para uma definição de evento como processo (P), em relação a (26b), na qual teríamos um predicado culminativo. Isso traria a classificação desse evento para transição (T), ao passo que, em (26a), teríamos um processo também, o que poderia sugerir algum tipo de inconsistência nas definições de Pustejovsky. Já a abordagem estritamente composicional de Verkuyl presume que tal transição não seria necessária e, assim, qualquer elemento semântico não poderia ser completamente localizado no verbo: ele deve estar localizado na interação entre o verbo e seu complemento (ou argumento).

Ainda assim, acreditamos que as definições de Pustejovsky serão importantes para que possamos entender os fundamentos semânticos de estruturas de eventos complexas, pelo menos em termos pré-operativos. Ou seja, essas definições talvez não façam parte da representação semântica formal de tempo e aspecto, mas nos ajudariam a corroborar a análise de determinados fenômenos. Veremos essa abordagem ao falarmos sobre a composicionalidade aspectual, no capítulo 2.

## 2.2 TELICIDADE

A telicidade é um termo linguístico derivado da palavra grega *telos*, que significa "fim" ou "objetivo". Seria definida como a propriedade de um verbo ou frase verbal que apresenta uma ação ou evento como sendo completo, ou que apresente um fim claro, para a ação descrita por esse verbo. Ao tomarmos a telicidade como uma noção semântica, tanto em termos de quantificação quanto em termos de propriedade de subintervalo, as eventualidades descritas por verbos, com ou sem predicados, seriam classificadas como télicas ou atélicas. Os conceitos de telicidade geralmente são usados para se referir a dois tipos de situações fundamentalmente diferentes. Embora os rótulos estejam sempre associados à presença em

oposição à ausência de pontos finais de uma eventualidade, a definição de pontos finais não seria uniforme. Por essa razão, vamos apresentar, primeiramente, algumas definições sobre o conceito de telicidade, assim teremos uma base referencial para procedermos com a representação mais formal desse fenômeno linguístico a partir da teoria de Verkuyl (1972, 1999, 2002) e Reinhart e Borik (2004).

Comrie (1976) destaca que o alcance semântico de verbos télicos é restringido consideravelmente quando esses verbos são combinados com o imperfeito. Dessa maneira, um verbo télico poderia ser apresentado como delimitado temporalmente quando visto como incompleto ou em progresso:

29. (a) Ela fez um bolo. → [+ télico] [+ limitado]

(b) Ela estava fazendo um bolo. → [+ télico] [- limitado]

Ambas as expressões linguísticas poderiam ser utilizadas para descrever a mesma situação. No entanto, o primeiro verbo seria télico e delimitado, uma vez que implicaria a realização do ponto terminal: "o bolo foi concluído.", enquanto o segundo verbo seria télico, mas ilimitado temporalmente: "O bolo não foi concluído no momento da fala.". Portanto, os eventos télicos são aqueles que possuiriam um ponto final inerente, mas não seriam necessariamente apresentados como limitados. Como apontado por Depraetere (1995, p. 4), o caráter télico de uma sentença, ao contrário de seus limites temporais, não seria afetado pelo progressivo. Os exemplos acima seriam télicos, independentemente de o verbo ser usado ou não no progressivo. Ademais, uma sentença seria télica ao apresentar uma situação descrita como tendo um ponto final pretendido, o qual deveria ser alcançado para que a situação descrita na sentença se apresentasse de forma completa e não pudesse continuar. Já uma sentença que fosse delimitada (ou *bounded*) seria representada por uma situação que teria atingido uma barreira temporal, independentemente de a situação ter uma intenção ou ponto final atingido ou não.

Já Dahl (1985, p. 19) diz que em uma situação, processo ou ação de um verbo, a frase verbal (VP) que expressaria essa situação teria a propriedade télica se fosse direcionada a atingir um objetivo ou limite no qual a ação aconteceria de forma exaustiva e então passaria para outra etapa, levando essa ação a um ponto definido pelo qual o processo não poderia continuar. Arsenijevic (200, p. 21) esclarece que o aspecto interno geralmente estaria relacionado à noção de telicidade. As eventualidades seriam télicas se envolvessem um certo ponto no tempo (o *telos*) em que culminariam, ou seja, um ponto no qual o processo que envolvem atingiria algum valor de resultado ou completude.

Essas definições mostram diferenças em seus critérios, mas também demonstram, segundo Leah (2011, p. 101), a existência de um consenso entre pesquisadores de que a propriedade da telicidade seria determinada pela interação entre várias camadas da semântica lexical do verbo e diferentes fatores sintáticos, levando à utilização do termo composição aspectual. Muitos estudos foram dedicados à telicidade, havendo certa unanimidade sobre o fato de que plurais nus, como em “João comeu bolachas” ou frases nominais (NPs) formadas por sintagmas massivos (não contáveis), como em “Maria bebeu muita água.”, indicariam um predicado atélico, ao passo que frases nominais contáveis indicariam um predicado télico, como em “Camila comeu um bolo.”.

Segundo Borik (2002, p. 25), uma questão importante que surge na discussão da telicidade diz respeito à natureza dos objetos pelos quais a telicidade é definida. Em princípio, existiriam duas opções: podemos escolher entre eventualidades, as quais seriam entidades ontológicas, ou escolher os predicados, os quais seriam entidades linguísticas. Se a escolha for feita em favor das eventualidades, então a noção de um ponto final intuitivamente faria sentido. Se, no entanto, queremos ter uma definição linguística de telicidade, essa definição deveria ser aplicada a entidades linguísticas, ou seja, aos predicados. Mas, afinal, o que seria o ponto final de um predicado? Essa definição será apresentada inicialmente a partir de duas perspectivas, vistas a seguir.

### 2.3 COMPOSICIONALIDADE ASPECTUAL

Verkuyl (1999, p. 9) tem como parte crucial da sua pesquisa o objeto semântico que seria disponibilizado pela frase verbal (ou VP) por meio da composição do verbo e seu argumento interno, para posterior interação com o aspecto externo, o qual seria constituído pela informação composta pelos elementos que antecederiam a VP. O significado da VP geralmente apresenta predicados que têm um conteúdo conceitual relativamente rico e não possuem material sintaticamente ativo. Geralmente, dentro da VP, um determinado predicado estaria associado a uma série de argumentos.

Uma propriedade importante desse predicado parece ser o fato de que ele descreve um certo processo e se este é caracterizado por um determinado estágio que determinaria seu fim. Essa etapa é referida por diferentes termos: o culminar, o término, o *telos*, etc. Os predicados que envolvem tal estágio são geralmente chamados de culminar, processos de encerramento ou atélicos. Os outros componentes da VP que fariam parte da composição do seu significado são chamados de eventos participantes. Na descrição do sistema de Verkuyl,

temos como principal propriedade do verbo os valores estativo ou não-estativo (eventivo), caracterizados pelo parâmetro [+ADD TO]. Um verbo como “correr” apresentaria o recurso [+ADD TO], que expressaria progresso dinâmico e se distinguiria de verbos estativos. Um verbo [+ADD TO] poderia fornecer um caminho pelo qual o evento se desenrolaria ao longo do tempo, mas o próprio verbo não seria o único responsável pelo valor da telicidade do predicado. Na realidade, ele simplesmente forneceria a possibilidade de o predicado ser télico ou não, pois seria através da combinação entre as propriedades do verbo e do argumento que seria determinado o valor da telicidade do predicado. Teríamos, então, as seguintes propriedades:

[+ADD TO] → eventivos: correr, quebrar, comer.

[-ADD TO] → estativos: amar, saber, odiar

A função [+ADD TO] seria a única informação lexical disponível nesse sistema e a composição aspectual começaria com o verbo. Além disso, o parâmetro do verbo [+ADD TO] contribuiria com uma escala de índices numéricos, onde esse modelo faria uso de índices, e não de intervalos, para enfatizar a natureza atemporal da formação aspectual. Os índices seriam considerados "representantes" de intervalos, no sentido de que eles refletiriam a estrutura de intervalos. Os números nesse nível representariam tempo "comprimido", pois a estrutura fornecida pelos números naturais seria muito mais simples do que a estrutura fornecida pela escala de números reais.

Quanto à quantificação, seria tratada através do parâmetro [+SQA], o qual significaria "quantidade especificada de A", em que A seria o tipo de especificação de um argumento. Obteríamos o valor [+] somente se determinada informação de cardinalidade pudesse ser fornecida por um determinante. Por exemplo, os plurais nus ou sintagmas nominais massivos seriam especificados como [-SQA], enquanto sintagmas nominais acompanhados de numerais ou que contenham artigos definidos como em “os sanduíches” teriam o valor de [+SQA]. As definições de argumento seriam as seguintes:

[+ SQA] → NP com quantidade especificada: três sanduíches/um quilômetro

[- SQA] → NP com quantidade não especificada: alguns mosquitos/bolos

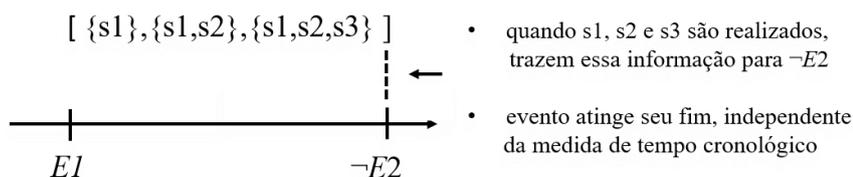
Consideramos importante entender como se daria a natureza dessa interação inicial entre [+ADD TO] e [+SQA], pois acreditamos que essa interação teria uma relação estreita

com a definição de evento ( $e$ ) e intervalo ( $I$ ) desenvolvida por Borik e Reinhart (2004), a qual será vista a seguir, neste capítulo. Portanto, vamos apresentar um exemplo (30) de como entendemos a relação de verbo [+ADD TO] e argumento [+SQA] em termos intervalares e numéricos. Utilizaremos, ainda, uma definição de processo e transição para observarmos o tipo de informação semântica contida no verbo, pois essa informação nos trará mais subsídios para uma posterior discussão sobre o tipo de relações possíveis entre evento e intervalo.

30. Maria comeu três sanduíches.

comeu  $\rightarrow$  [+ADD TO] = T ( $E1, \neg E2$ ) onde T=transição e E=evento

três sanduíches  $\rightarrow$  [+SQA] =  $\{\{s1\}, \{s1,s2\}, \{s1,s2,s3\}\}$

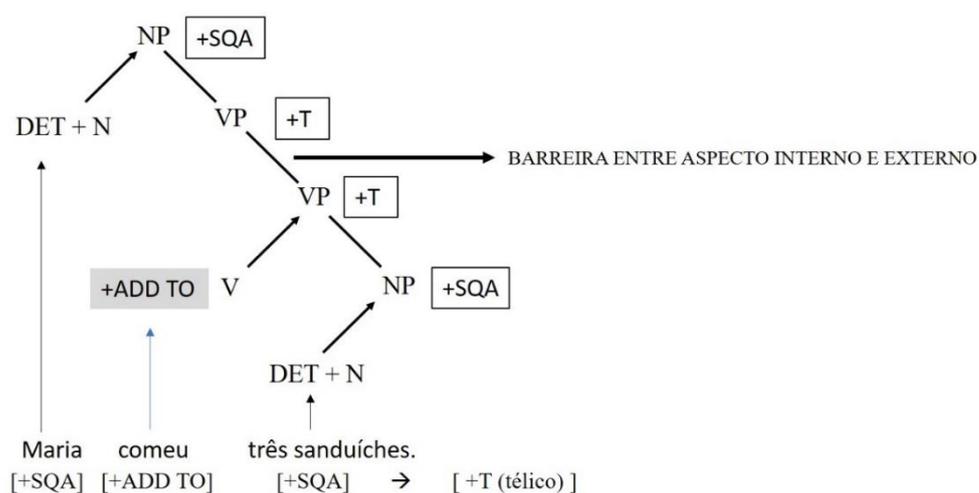


Verkuyl explica que um verbo não-estativo teria uma escala irrestrita (*unbounded*) e que a propriedade [+ADD TO] de um verbo, ou seja, sua dinamicidade, nunca seria suficiente para nos trazer a informação de telicidade, a qual estaria sempre associada a uma escala limitada (ou *bounded*). Esse trabalho seria feito pela relação entre as propriedades lexicais do verbo e o seu argumento interno. No esquema acima, tentamos traçar uma relação entre a não-restrição inicial do verbo *comer* em termos de transição. O verbo não traria a informação sobre a terminação desse evento, mas a informação semântica do verbo nos diz que o ato de comer iniciaria a partir de um evento ( $E$ ). No exemplo apresentado, seria relacionado à especificação de todos os três sanduíches e o término do evento se daria no momento em que ocorresse o consumo final desses três sanduíches, isto é, eles não existiriam mais em ( $\neg E2$ ) e, então, teríamos um evento télico.

Essas definições de  $E1$  e  $\neg E2$  são trazidas do trabalho de Pustejovski com o objetivo de nos ajudarem a entender com mais precisão o tipo de encaixe semântico entre as propriedades do verbo e as propriedades do seu argumento interno, assim como nos trariam informações sobre o tipo de relação (ou escala) que ocorreria entre esses elementos e também para tentarmos aproximar as definições de processo e transição em relação as definições de

evento e intervalo, como veremos no capítulo 3. A seguir, um diagrama para que possamos observar como o sistema de composicionalidade aspectual de Verkuyl obtém o valor da terminatividade (ou telicidade):

Diagrama 3. Composição aspectual



Nesse sistema, quando o valor aspectual é definido e o predicado determinado como sendo télico ou atélico, o sistema temporal que ocorreria simultaneamente deveria lidar com essa unidade semântica sem alterar nenhuma das suas propriedades. Podemos inferir que o sistema composicional de Verkuyl propõe que haveria independência da telicidade em relação às informações temporais, o que equivaleria a dizer que o aspecto lexical seria independente do aspecto gramatical, como podemos ver nos seguintes exemplos. No 34 e no 35, o verbo “comer” no perfectivo e no imperfectivo, o valor da terminatividade se manteria. Além disso, nos outros exemplos observamos que o valor da terminatividade dependeria de propriedades não relacionadas diretamente com o tempo realizado morfossintaticamente:

31. João quis sanduíches.

[+SQA] + [-ADD TO (verbo estativo)] + [-SQA] = [-terminativo] -> atélico

32. João quis um sanduíche.

[+SQA] + [-ADD TO (verbo estativo)] + [+SQA] = [-terminativo] -> atélico

33. João *comeu* sanduíches.

[+SQA] + [+ADD TO (verbo não-estativo)] + [-SQA] = [-terminativo] -> atélico

34. John *comeu* um sanduíche.

[+SQA] + [+ADD TO (verbo não-estativo)] + [+SQA] = [+terminativo] -> télico

35. John *comia* um sanduíche.

[+SQA] + [+ADD TO (verbo não-estativo)] + [+SQA] = [+terminativo] -> télico

## 2.4 TESTES PARA TELICIDADE

Segundo Levin (2007, p. 7), a classificação aspectual de um verbo e seus argumentos poderia ser estipulada de duas maneiras, fazendo referência à presença das propriedades temporais apropriadas que definiriam um evento de determinado tipo aspectual ou aplicando um ou mais diagnósticos aspectuais que revelariam o tipo aspectual preciso desse evento. Em seção anterior deste capítulo, vimos a relação das propriedades temporais e eventivas que nos ajudariam a definir o aspecto lexical de um verbo. Nesta seção, veremos diferentes tipos de diagnósticos utilizados para analisarmos as propriedades aspectuais.

Existem testes que mostram que predicados télicos e atélicos são de fato diferentes e que essa distinção seria importante para os propósitos de atribuir o tipo de aspecto a uma determinada representação de um evento. Os testes mais utilizados seriam a modificação adverbial, o teste de conjunção e o teste de inferência no progressivo. Krifka (1996, p. 9) apresenta uma perspectiva sobre como podemos abordar a distinção entre telicidade e atelicidade:

É enganoso pensar que um evento particular pode ser chamado de "télico" ou "atélico". Por exemplo, um e o mesmo evento de correr pode ser descrito por correndo (isto é, por um predicado atélico) ou correndo uma milha (isto é, um predicado télico ou delimitado). Portanto, a distinção entre telicidade e atelicidade não deve estar na natureza do objeto descrito, mas na descrição aplicada ao objeto.

### 2.4.1 Teste de modificação adverbial em x tempo / por x tempo

Um dos diagnósticos mais comuns para a telicidade em inglês é o teste de modificação adverbial (Dowty, 1979, p. 39), o qual opera da seguinte maneira: predicados télicos, de forma

oposta aos atélicos, permitem a modificação por parte de advérbios, do tipo “em uma hora”, ou “em x tempo” enquanto os predicados atélicos apenas aceitam advérbios do tipo “por uma hora”, ou “por x tempo” como podemos ver a seguir.

36. (a) Maria dirigiu o carro [por uma hora].  
 (b) # Maria dirigiu o carro [em uma hora].
37. (a) # Maria correu um quilômetro [por uma hora].  
 (b) Maria correu um quilômetro [em uma hora].
38. (a) Maria construiu casas [por uma semana].  
 (b) # Maria construiu casas [em uma semana].
39. (a) Maria construiu duas casas [em uma semana].  
 (b) # Maria construiu duas casas [por uma semana].

De acordo com Declerck e Cappelle (2005, p. 2), o teste de modificação adverbial em/por x tempo seria padrão para telicidade, mas não seria para o parâmetro de *boundedness*. Eles dizem que a telicidade identifica se um evento é considerado como tendo um ponto final inerente ou pretendido (ponto de conclusão), enquanto *boundedness* identifica se um ponto final arbitrário seria alcançado quando o evento é atualizado (isto é, efetivamente ocorre).

Outra característica importante desse teste de modificação adverbial é destacada por Levin e Rappaport (2011, p. 104), quando elas dizem que o tempo no qual um verbo estaria realizado poderia afetar o resultado desse teste, como em sentenças com verbos no progressivo como em “está andando” ou “estava falando”, em que quase sempre aceitam “por uma hora” e quase nunca aceitam “em uma hora”. O teste seria, portanto, principalmente aplicável às sentenças com verbos no passado simples, mas não seria adequado ao uso no progressivo, como dizem Declerck e Cappelle (2005, p. 3):

“O teste adverbial 'in / for X time' não é útil para testar a delimitação (ou *boundedness*) com o progressivo, porque um advérbio do tipo “em X tempo” parece ser possível mesmo que o evento não seja delimitado (ou *unbounded*)”

Então apresentam o seguinte exemplo:

40. Barney estava bebendo dez copos de cerveja [em uma hora].

Explicam que essa sentença seria gramatical, caso Barney tivesse apostado que poderia beber dez copos de cerveja em uma hora, mesmo que a sentença apresente um predicado com quantificação definida (ou delimitada) e esteja no progressivo.

#### 2.4.2 Teste de implicação no progressivo

O teste de implicações no progressivo é comumente usado como um teste para telicidade (Dowty 1986, Hinrichs 1985, de Swart, 1998):

41. Joana estava dirigindo o carro → Joana dirigiu o carro → atélico

42. Carla estava correndo um quilômetro - / → Carla correu um quilômetro → télico

Esses exemplos mostram que os dois tipos de predicados licenciam diferentes inferências lógicas. Uma sentença com um predicado atélico no progressivo implica uma condição de verdade da sentença quando inferida por um verbo no pretérito perfeito (ou perfectivo), enquanto que em uma frase que apresente um predicado telico a inferência é falsa. Esse teste, de acordo com Arsenijevic (2006, p. 21), depende de que as eventualidades télicas levem algum tempo até que sejam plenamente realizadas e que se mantenham quando totalmente realizadas. Uma consequência disso seria a de que nenhuma parte de uma eventualidade télica satisfaria o predicado como um todo.

A forma progressiva denotaria que um certo intervalo seria parte de um intervalo maior, no qual uma eventualidade estaria em andamento. Isso significa que o progressivo selecionaria uma parte adequada de uma eventualidade a ser referida na sentença. Uma vez que nenhuma parte adequada de uma eventualidade télica satisfaria o predicado da eventualidade como um todo, nenhuma parte adequada de uma eventualidade implicaria a condição de verdade dessa eventualidade.

A propriedade do progressivo em denotar que uma eventualidade estaria em andamento também teria consequências para o aspecto lexical, isto é, eles não poderiam ser aplicados a verbos estativos (amar, saber), que não envolvem processo ou mudança e, por isso, não poderiam ser interpretados como estando em andamento. Como resultado, verbos estativos não se combinariam com o modo progressivo. Isso faz com que o progressivo também possa ser usado como um teste a respeito da natureza de uma eventualidade ou o significado de um determinado verbo em termos de estatividade, como podemos ver nos exemplos:

43. # João está amando sua mãe.

44. # João está sabendo a resposta.

### 2.4.3 Teste de conjunção

Em um teste de conjunção, apresentado originalmente por Verkuyl (1972, p. 162), um modificador temporal aplicado a duas frases unidas por uma conjunção especificaria o tempo de uma eventualidade indicada pela frase verbal (VP). As duas frases verbais unidas deveriam indicar intervalos temporais adjacentes. As eventualidades atípicas (ou atélicas) tornariam a interpretação das frases conjuntas ambígua. Já a falta de ambiguidade no contexto dado identificaria as eventualidades télicas, como podemos ver nos seguintes exemplos. Na primeira sentença temos duas eventualidades: colocamos uma bolsa no armário na sexta-feira e depois, no sábado, de forma não-ambígua. Já na segunda sentença, Maria pode ter corrido continuamente entre sexta-feira e sábado ou poderia ter corrido uma vez na sexta-feira a outra no sábado, tornando a sentença ambígua.

45. Pedro colocou uma bolsa no armário na sexta-feira e no sábado. → não ambíguo/télico

46. Maria correu na sexta-feira e no sábado. → ambíguo/atélico

## 2.5 TELICIDADE DEFINIDA POR EVENTO (*E*) E INTERVALO (*I*)

Segundo Borik (2002, p. 25), existem duas abordagens predominantes para a definição da telicidade. Uma delas seria baseada no conceito de “ponto final”, a qual teria um caráter mais ontológico e descritivo, pois definiria a telicidade de um evento a partir de certas propriedades deste, sem necessariamente apresentar os valores ou descrições individuais das unidades linguísticas envolvidas na sua composição aspectual. Isso acarretaria descrições intuitivas, mas que não seriam passíveis de aferição através de algum instrumento teórico formal. A outra abordagem seria uma modificação do princípio da homogeneidade, apresentada por Dowty (1986, p.13), da seguinte forma: “Uma sentença  $\phi$  é uma *accomplishment* / *achievement* [...] se e apenas se segue que  $\phi$  é verdadeira em um intervalo *I* e  $\phi$  é falsa em todos os subintervalos de *I*.”

Desse modo, podemos concluir que predicados atélicos como sintagmas nominais massivos denotariam objetos homogêneos, os quais seriam compostos por subpartes. Assim,

em “Alguém correu no parque por três horas.” deveria haver unidades menores do que três horas que também seriam descritas como correndo no parque. Já os predicados télicos, como representados pelos sintagmas nominais acompanhados de numerais ou frases nominais contáveis, não seriam homogêneos, como em “Zé comeu uma maçã.”, em que uma parte de uma maçã, em um momento dado, não seria igual à outra parte de uma maçã relativa a outro momento no desenvolvimento desse evento.

Borik e Reinhart (2005, p. 6) procuram captar a relação entre intervalo e evento, propondo que o aspecto lexical (ou telicidade) seria determinado pelas relações de  $I$  (intervalo) e  $e$  (evento), ou seja, aconteceria a partir da interpretação da relação  $At(e, I)$  na qual um evento  $e$  se mantém em um intervalo  $I$ . Essa proposta parece utilizar o conceito de homogeneidade, mas apresentado nos seguintes termos, como vemos na seguinte descrição:

Para qualquer  $e, I$ :

$e$  é télico se e apenas se em  $AT(e, I) \rightarrow \neg \exists I' (I' \neq I) \& AT(e, I')$

$e$  é atélico se e apenas se em  $AT(e, I) \rightarrow \exists I' (I' \neq I) \& AT(e, I')$

Entendemos que  $e$  é télico se não existisse um outro intervalo  $I'$  diferente de  $I$  onde o evento  $e$  pudesse ocorrer, ao passo que, em um evento  $e$  atélico, esse evento  $e$  poderia ocorrer em um intervalo  $I'$  diferente de  $I$ . Essa parece ser uma formalização do conceito de homogeneidade de Dowty ao definir um evento atélico como homogêneo e um evento télico como não-homogêneo, mas apresentando as delimitações desse evento a partir da relação estrita entre intervalo e evento ao invés da aferição de uma condição de verdade entre  $\phi$  e  $I$ , o que acarretaria problemas em sentenças como as seguintes, conforme Reinhart e Borik (2005, p. 6):

47. (a) Max construiu sua casa em 2002.

(b) Max construiu sua casa em [setembro de] 2002.

Ambas as sentenças seriam verdadeiras, inclusive no subintervalo delimitado por *setembro de* e isso contradiria a definição de telicidade de Dowty. Partindo dessa relação entre evento e intervalos, Borik e Reinhart também criam uma forma de integrar a definição de telicidade com a definição de evento (E) utilizada nas relações intervalares entre E-R-S, em que poderíamos substituir a apresentação de intervalo com  $I$  por  $E$  (de evento referencial, o qual teria equivalência em relação a  $I$ , pois o intervalo do evento  $e$  ocorreria em um ponto referência construído a partir da realização morfossintática de tempo e aspecto gramatical,

tratada no capítulo 1). Uma questão que permanece para essa pesquisa seria se a aferição da telicidade na relação entre *e* e *I* (ou *E*) teria correspondência em relação à aferição de telicidade proposta por Verkuyl através da relação entre [+ADD TO] e [+SQA]. No capítulo 3, vamos analisar os conceitos apresentados para que possamos proceder à investigação de tempo, aspecto gramatical e aspecto lexical (ou telicidade) e observar possíveis interações entre as teorias apresentadas.

### 3 RELAÇÕES ENTRE OS ASPECTOS GRAMATICAL E LEXICAL

Alguns autores discutem se tempo e aspecto deveriam ser tratados de forma conjunta ou separada. Existem linhas de pesquisa que propõem a sua indissociabilidade, mas outros autores acreditam ser mais relevante o tratamento de ambas as propriedades de forma separada. Segundo a definição de Moens (1987, p. 7), o processamento de informações temporais poderia ser descrito como a construção de uma representação em série dos eventos, processos ou situações. Construir tal representação em série envolveria a ancoragem dos estados das coisas em relação à concepção de dimensão temporal. De Swart (2000, p. 3), por sua vez, acredita que a classe aspectual é determinada no nível de argumento-predicado. Ela diz que o tempo (tense) se refere ao tempo da situação referida em relação a outro tempo. Já os aspectos seriam diferentes maneiras de ver a constituição interna de uma situação na qual se aplicariam as descrições das eventualidades, para fornecermos uma perspectiva sobre a situação, como podemos ver da seguinte forma:

[Tempo [Aspecto [descrição de eventualidade]]]

Seguindo as análises desenvolvidas nos capítulos anteriores, vamos trabalhar com os seguintes conceitos gerais sobre o tempo realizado na linguagem e as propriedades de um evento:

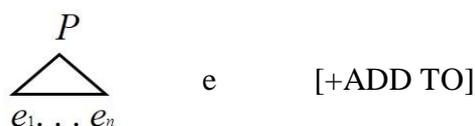
- **Tempo** → Relação entre S e R, onde  $R < S$  (passado),  $R = S$  (presente) e  $R > S$  (futuro)
- Aspecto [**gramatical**] → Intervalos de tempo entre E e R definem perfectividade, imperfectividade e progressivo, um evento podendo ou não estar concluso ou acabado (tendo ou não um ponto final). Esse evento em questão é veiculado sob uma perspectiva que indica que ele não continuará mais ou que se completou, ou que poderia seguir sem um limite definido, de forma habitual ou contínua.
- [Descrição de eventualidade] - **telicidade** → que o evento tenha um final (estando ou não concluso ou acabado). O evento em questão tem um término identificável, previsível a partir de suas propriedades quantitativas, relacionadas a partir de algum tipo de escala ou através de algum tipo de intervalo.

A partir desses conceitos de tempo, aspecto gramatical e descrição de eventualidade, vamos apresentar uma análise inicial de como poderíamos descrever e relacionar esses conceitos em função de suas propriedades linguísticas, partindo da premissa da independência entre os sistemas. Utilizaremos, também, as teorias previamente apresentadas, a fim de que possamos desenvolver, de forma integrada, a nossa análise. Teríamos assim que:

[NP] x [[Tempo.Aspecto Gramatical] & [Aspecto Lexical [Argumento Interno]]]

48. João correu no parque.

- [NP] -> **João** = {1} = [+SQA] = nome contável
- Tempo.Aspecto Gramatical = **corr[eu]** → Perfectivo =  $\exists E,R,S (E \subseteq R \ \& \ R < S)$
- Aspecto lexical = propriedades inerentes ao lexema verbal (evento/transitividade, processo ou estado) → **correr** = verbo não-estativo, sem mudança de estado (processo)



- Argumento Interno = **no parque** → Tipo de delimitação do evento → atélico  
correu no parque [por uma hora] → ou AT (e, I) →  $\exists I' (I' \neq I) \ \& \ AT (e, I')$   
#correu no parque [em uma hora] → [-SQA?]

Na exposição acima, não partimos de uma única teoria, mas adotamos definições que acreditamos serem compatíveis entre si para a descrição dos nossos objetos de pesquisa, como veremos para cada uma das partes que a compõem. Em relação ao argumento externo, utilizamos a terminologia de Verkuyl baseada em uma quantidade especificada ou não de A (argumento). Adotamos essa definição porque achamos que assim poderíamos tratar de situações como as que veremos a seguir:

49. Joaquim      comeu      um sanduíche.

[+SQA] [+ADD TO]      [+SQA] → atélico

45. Ninguém      comeu      um sanduíche.

[-SQA] [+ADD TO]      [+SQA] → atélico

Nesses exemplos, o argumento externo pode influenciar o evento em relação a sua terminatividade (ou telicidade), por isso a sua utilização. Quanto à descrição de tempo e ao aspecto gramatical, adotamos integralmente a formulação de Borik e Reinhart, pois acreditamos que elas captam as diferentes configurações de tempo presentes na língua portuguesa, como vimos parcialmente no capítulo 1 deste trabalho. Dessa maneira, teríamos as definições de perfectividade da seguinte forma:

50. Maria puxou o carrinho.

Pretérito perfeito (perfectivo) =  $\exists E, R, S (E \subseteq R \ \& \ R < S)$

51. Amélia andava de bicicleta.

Pretérito imperfeito (imperfectivo) =  $\exists E, R, S (\neg E \subseteq R \ \& \ R < S)$

52. Túlio estava jogando futebol.

Pretérito imperfeito composto (progressivo) =  $\exists E, R, S (R \subseteq E \ \& \ R < S)$

Sobre a lexicalidade do verbo, acreditamos que exista compatibilidade entre as definições de Verkuyl e Pustejovsky. Conforme Arsenijevic (2006, p. 26), a definição lexical de verbo proposta por Verkuyl, ao apresentar a propriedade [+ADD TO], introduz o potencial de um mapeamento do evento em direção a uma estrutura escalar, na qual podemos entender esse mapeamento por meio da relação entre as propriedades semânticas do verbo com a informação que estaria contida no argumento [+SQA]. Como vemos a seguir, ao analisarmos um mesmo verbo relacionado com argumentos de naturezas quantitativas distintas:

46. José correu um quilômetro.

Escala de [correr] definida por distância [um quilômetro]

correu [+ ADD TO] um quilômetro [+SQA]

correu =  $P(\text{processo}) e_1 \dots e_n$

$e_1 = x$  /quilômetros  $\rightarrow x = 0$  quilômetro, caso não haja informação adicional

$e_n = x+n$  quilômetros  $\rightarrow n = 1$  quilômetro  $\rightarrow$  escala mapeada  $\rightarrow$  télico

47. José correu no parque.

Escala de [correr] definida por lugar [no parque]

correu [+ ADD TO] no parque [-SQA]

correu =  $P(\text{processo}) e_1 \dots e_n$

$e_1$  e  $e_n$  = valores não em termos de distância, mas lugar

$e_1$  e  $e_n$  = indefinidos  $\rightarrow$  escala não mapeada  $\rightarrow$  atélico

Nos exemplos citados, observamos as propriedades semânticas do verbo “correr” definidas como um processo que não acarretaria algum tipo de transformação, mas envolveria um tipo de evento onde haveria um percorrimto. Esse curso, ou percorrimto, envolveria algum tipo de deslocamento, ou distância. Assim, para podermos definir um fim claro ao ato de correr, precisaríamos ter a informação necessária sobre qual foi o deslocamento realizado nesse ato de correr. Quando dizemos que alguém correu por uma distância  $x$ , podemos inferir que o percorrimto dessa distância  $x$  levou um tempo  $y$  específico, como em “correu um quilômetro [em uma hora]”, para que essa distância seja alcançada.

No entanto, quando associamos o verbo correr a um lugar onde esse ato foi realizado, não temos informação que possa nos dizer quais são os valores de  $e_1$  e  $e_n$ , ou seja, não podemos obter uma medida desse deslocamento, pois o tipo de informação seria incompatível com a necessidade apresentada pelo verbo “correr” para que pudéssemos aferir se o evento realizado teria um fim claro, identificável. Também podemos observar essa distinção através do teste de inferência no progressivo, conforme segue:

48. José estava correndo um quilômetro. -/-> José correu um quilômetro. → télico

49. José estava correndo no parque. -> José correu no parque. → atélico

Portanto, entendemos que precisaríamos de dois pontos para registrar uma eventualidade com [+ADD TO], os quais na verdade seriam apenas a informação mínima para a construção de uma estrutura escalar. Além disso, acreditamos que esses dois pontos podem ser baseados no tipo de evento (processo ou transição), assim teríamos uma informação semântica mais delimitada na descrição de um verbo não-estativo, podendo então avaliar o tipo de “encaixe” que teríamos entre verbo e argumento, como vemos a seguir:

[+ADD TO]  $T[E1, \neg E2]$  = verbo eventivo de transição. ex.: abrir, construir

[+ADD TO]  $P[E1, EN]$  = verbo eventivo de processo. ex.: correr, empurrar

Sobre o término de um evento ou a informação contida no argumento, apresentamos duas definições. A primeira é baseada na abordagem de Verkuyl, como já observamos na análise da relação entre [+ADD TO] e [+SQA], que trata da terminatividade de um evento através da relação entre a lexicalidade do verbo e a quantificação do(s) seu(s) argumento(s), e como também vemos a seguir, onde existe um argumento com quantificação especificada e outro não:

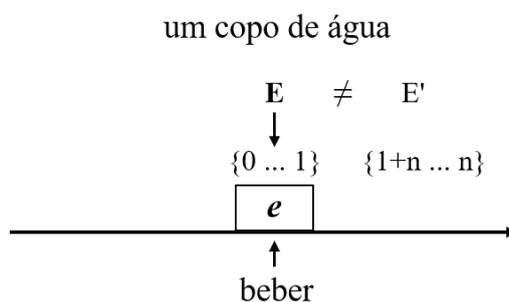
50. Bernardo comeu um abacate. [+SQA]  $\rightarrow$  tónico

51. José bebeu cervejas. [-SQA]  $\rightarrow$  atónico

A outra abordagem é desenvolvida por Reinhart e Borik, que definem o término de um evento a partir da sua relação com intervalos, como já havíamos apresentado no capítulo 2 e podemos ver no exemplo abaixo. Agora, contudo, com uma diferença (ou acréscimo), já que nesses exemplos usamos um índice arbitrário  $n$  que obteria o seu valor a partir do tipo de quantificação do argumento interno do verbo. Utilizamos esse índice pois acreditamos que ele nos ajudaria a aferir o tipo de escala do intervalo do evento e a sua possível delimitação. Esse índice também serviria como uma interface entre os parâmetros quantificacionais e intervalares das teorias utilizadas:

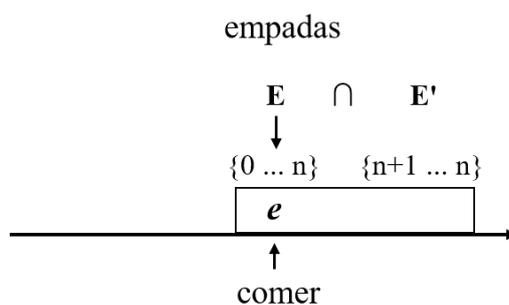
52. João bebeu um copo de água.

Tónico =  $\neg \exists E' [(E' \neq E) \ \& \ AT(e, E')] \rightarrow E = \text{intervalo} \mid e = \text{evento}$



53. Maria comeu empadas.

Atónico =  $\exists E' [(E' \neq E) \ \& \ AT(e, E')] \rightarrow E = \text{intervalo} \mid e = \text{evento}$



A motivação para a utilização desse índice  $n$  vem de uma questão que parece ficar indefinida na abordagem de Reinhart e Borik, a qual seria a natureza dos intervalos de um evento, Podemos ter um evento télico delimitado por uma distância, como por exemplo em “João correu um quilômetro [em uma hora]”, mas também temos um evento télico quando dizemos que “Maria comeu um sanduíche [em uma hora]”. Nesses casos, com poderíamos quantificar a distância de “um quilômetro”, ou como poderíamos tratar “um sanduíche” através de um intervalo? Apesar dessas diferenças, ambas as abordagens sobre a telicidade parecem capazes de operar algum tipo de delimitação, apresentando um evento como sendo télico ou atélico de forma precisa, independente da natureza acerca do tipo de propriedades que definiriam a escala. Veremos, a seguir, diferentes configurações a partir dessas propriedades.

### 3.1 PERFECTIVIDADE, IMPERFECTIVIDADE E TELICIDADE

Após apresentarmos um conjunto de instrumentos e exemplos para a análise da realização do tempo, aspecto gramatical e aspecto lexical no português, vamos proceder a uma abordagem que integre esses instrumentos, utilizando uma representação metalinguística em conjunto com a aplicação dos testes para aferição de telicidade, mencionados anteriormente. Para fins de demonstração, vamos selecionar verbos que apresentem diferentes desdobramentos eventivos, para que possamos observar o comportamento de cada um desses eventos em diferentes configurações de tempo e aspecto gramatical. A partir disso, teremos a diferenciação entre perfectivo, imperfectivo e o progressivo no português, e o aspecto lexical, baseado no parâmetro da telicidade (ou terminatividade) desses eventos. Os principais parâmetros e propriedades linguísticas que pretendemos observar são os seguintes:

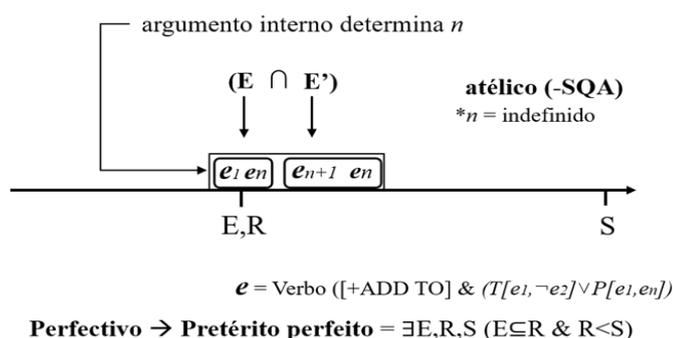
- Realizações morfossintáticas do aspecto perfectivo, imperfectivo e progressivo no português através do pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito composto do indicativo.
- Verbos com propriedades lexicais distintas; verbos não-estativos, que indiquem processo ou transição.
- Argumentos internos do verbo com propriedades lexicais distintas e compostos de nomes acompanhados ou não de numerais ou artigos definidos, artigos indefinidos ou pronomes indefinidos.

O objetivo principal dessa abordagem é a observar se de fato a telicidade se manifesta de forma independente em relação ao tempo e aspecto gramatical, através da utilização das teorias escolhidas. Como vimos, a escolha para o tratamento do tempo e do aspecto gramatical está definida em termos de momentos (R,E,S) e intervalos, mas a abordagem sobre a telicidade nos trouxe mais opções, as quais acreditamos possam ser integradas com o intuito de entendermos com mais clareza os fenômenos linguísticos que nos propomos a investigar. Para isso, propomos que exista isomorfia entre os valores de  $n$  em relação a delimitação quantitativa apresentada pelo parâmetro [+SQA], fazendo com que  $n$  receba esse(s) valor(es), e também pensamos que a definição de evento em  $e$  se relaciona diretamente com a propriedade [+ADD TO].

Ao relacionarmos  $n$  com [+SQA] e  $e$  com [+ADD TO], utilizamos as definições de Pustejovsky sobre as propriedades dos verbos não-estativos (ou eventivos), visto que julgamos que tragam maior clareza nas definições das propriedades léxicas desses verbos, auxiliando-nos, assim, a entender as estruturas eventivas em termos de transições entre pelo menos dois pontos que seriam a base para que um evento se desdobre. Já a teoria de Reinhart nos daria uma perspectiva mais integrada sobre a relação entre tempo, aspecto gramatical e evento. Contudo, para podermos aferir se um evento  $e$  se mantém somente em um intervalo E e não em outro intervalo qualquer que não seja E, precisaríamos, antes, saber o valor de  $e$ . Para isso investigaremos as propriedades lexicais desse verbo, observando qual seria o tipo de processo ou transição que ele denotaria.

Apesar de acreditarmos haver superficialmente uma diferença de nomenclaturas distintas, também observamos uma perspectiva um pouco diferente entre as abordagens, já que Verkuyl parece trazer para a análise da telicidade os componentes operatórios da sua realização. Ele nos mostra os valores a serem operados para que cheguemos a um resultado de terminatividade positiva ou negativa. Na nossa opinião, isso não tornaria as abordagens incompatíveis, mas complementares, como podemos ver a seguir na integração desses parâmetros e propriedades:

Diagrama 4. Perfectivo  $\rightarrow$  Pretérito perfeito & evento atético



Nesse primeiro diagrama (4), podemos ver a relação entre a realização de um evento e a sua dependência em relação ao valor de  $n$ , o qual seria um valor advindo do argumento do verbo. Quando esse valor  $n$  não é delimitado, temos que um evento é atélico, pois, sem esse valor, o evento pode ocorrer em  $E$  mas também em  $\neg E$ , visto que os limites eventivos seriam formados a partir desse valor combinado ao tipo de evento denotado pelo verbo. Ademais, podemos ver que a estrutura temporal se mantém, já que a duração do evento ficaria restrita a suas delimitações de caráter atemporal. A própria natureza das propriedades léxicas do verbo em conjunto com as propriedades quantificacionais do argumento determinariam se o evento teria ou não um fim claro e determinado, como podemos ver nos exemplos abaixo.

46. (a) José desenhou círculos [por uma hora]

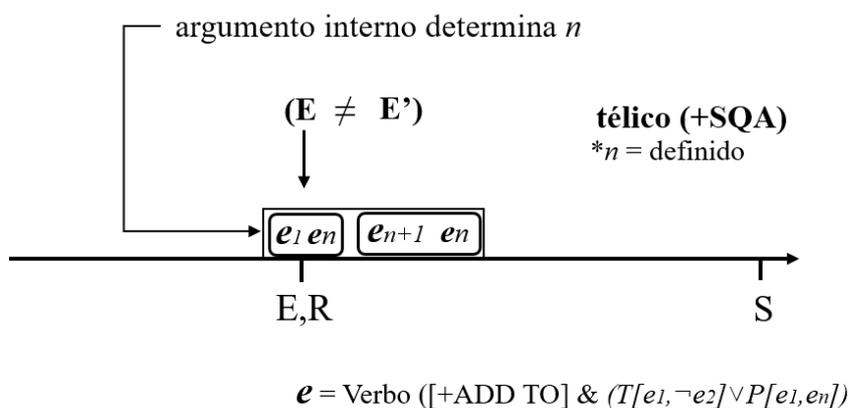
(b) José desenhou círculos [# em uma hora]

47. (a) José desenhou um círculo. [#por uma hora]

(b) José desenhou um círculo. [em uma hora]

Ao utilizarmos o teste de modificação adverbial em/por x tempo e mantermos o verbo no pretérito perfeito (perfectivo), percebemos que uma alteração isolada na quantificação, como em 46(a,b) e 47(a,b), é responsável por apresentar ou não a informação sobre o evento ter ou não um fim claro, sem que isso cause qualquer alteração na perspectiva do evento relativa a sua temporalidade referencial. Os intervalos de tempo ficam postos independente do desdobramento interno do evento.

Diagrama 5. Perfectivo  $\rightarrow$  Pretérito perfeito & evento télico

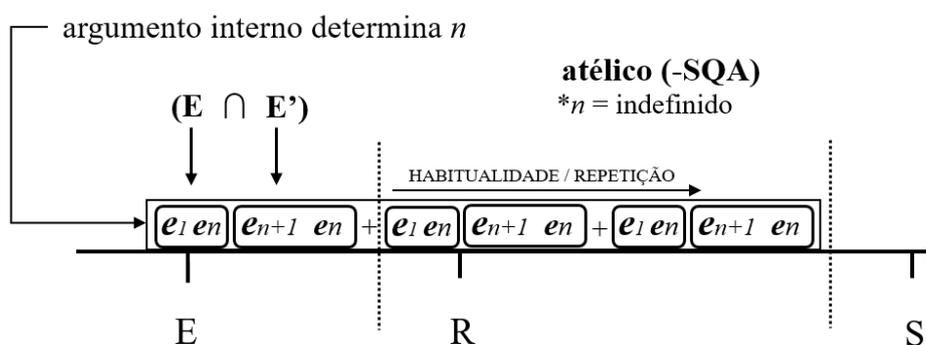


**Perfectivo  $\rightarrow$  Pretérito perfeito =  $\exists E, R, S (E \subseteq R \& R < S)$**

Conforme o diagrama 5, a independência da telicidade em relação ao aspecto gramatical não significa que um evento não leve tempo para ocorrer, mas significa que a codificação seria baseada em valores atemporais, ao passo que o tempo e o aspecto gramatical descritos acima nos diriam que o evento ocorreu em um ponto do passado, delimitado e pontual, sem que houvesse algum tipo de continuidade, repetição ou habitualidade. Vemos, ainda que, quando o valor de  $n$  é delimitado, como em 47(a,b), temos um evento télico. Com esse valor, o evento pode ocorrer somente em  $E$  e não em  $\neg E$ , já que os limites eventivos são formados a partir desse valor combinado ao tipo de evento denotado pelo verbo, o que significa que o evento tem um intervalo, baseado na informação quantificacional de  $n$ , que está definido e tem o valor de  $\{1\}$ .

Nos próximos exemplos, vamos trabalhar com o aspecto imperfeito, o que denota um intervalo de tempo entre os pontos R e E na forma de  $\neg E \subseteq R$ . Um evento E pode ocorrer além do intervalo definido em R, o que nos dá um intervalo não-delimitado, acarretando uma interpretação habitual ou contínua. Dessa forma, poderemos observar o comportamento do evento nesse tipo de intervalo, no qual teremos inicialmente o valor de  $n$  não delimitado. Temos, assim, um evento atélico, pois, com esse valor indefinido de  $n$ , o evento  $e$  pode ocorrer em  $E$  e  $\neg E$  novamente. Na descrição do diagrama 6 a seguir, não podemos inferir que o evento tem o seu final apontado, independentemente da duração temporal em que o evento está inserido, independentemente dessa duração ter os limites definidos ou não. Porém, podemos observar que a não delimitação do evento independe da continuidade ou não do intervalo temporal:

Diagrama 6. Imperfectivo  $\rightarrow$  Pretérito imperfeito & evento atélico



$e$  = Verbo ([+ADD TO] &  $(T[e_1, \neg e_2] \vee P[e_1, e_n])$ )

**Imperfectivo  $\rightarrow$  Pretérito imperfeito =  $\exists E, R, S (\neg E \subseteq R \ \& \ R < S)$**

Além disso, podemos observar nos exemplos 48(a,b) que o teste adverbial parece capaz de fornecer um limite intervalar para o evento apresentado, mesmo que o aspecto gramatical esteja no imperfectivo, no qual podemos inferir diferentes quadros temporais para a situação descrita, tais quais “Carmela comia bolachas [de vez em quando]” ou “Carmela comia bolachas [todo o dia]”. Nessas situações, os advérbios (ou adjuntos adverbiais) podem alterar o tipo de repetição ou realização da situação em relação ao intervalo de tempo. No entanto, em todas essas situações, “bolachas” segue como um sintagma nominal desacompanhado de um determinante ou numeral. Como não temos a quantidade especificada desse argumento (e o valor de  $n$ ), não podemos aferir a quantidade de bolachas que foram comidas, então o evento seria atélico.

48. (a) Carmela comia bolachas [?por uma hora]

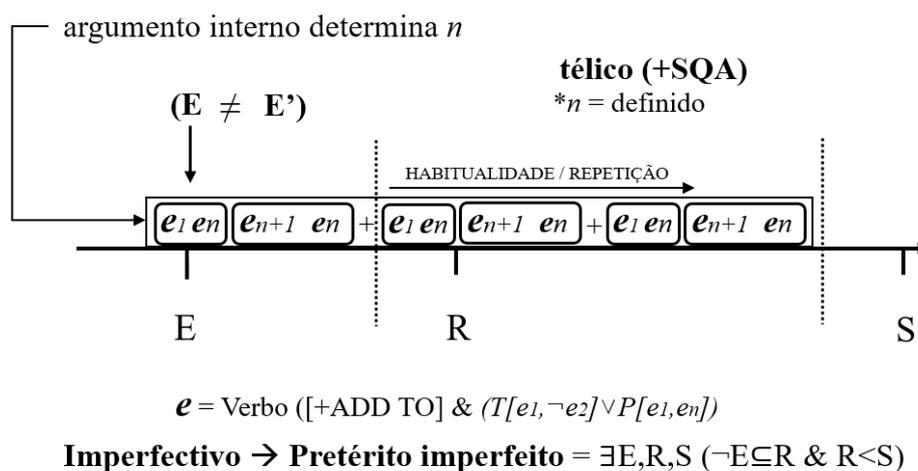
(b) Carmela comia bolachas [#em uma hora]

49. (a) Carmela comia três bolachas [#por uma hora]

(b) Carmela comia três bolachas [?em uma hora]

No diagrama 7, vemos a realização do aspecto gramatical no imperfectivo novamente. Dessa vez, teremos o valor de  $n$  definido, isto é, não teremos a possibilidade do evento  $e$  ocorrer em  $E$  e  $\neg E$ , independente do intervalo temporal apresentado, pois, como vimos antes, a relação de telicidade e aspectualidade gramatical ocorrem novamente de forma independente, conforme exemplos 49(a,b): sabemos que o fim do evento é delimitado pela quantidade unitária de “três bolachas”, ou seja, o evento começaria com o valor de  $\{3\}$  para “três bolachas” e atingiria o seu *telos* quando (e caso) o valor de “três bolachas” atingisse  $\{0\}$ . Mesmo que esse evento possa ser interrompido antes de atingir o seu final, ainda sim temos o valor do seu *telos* apresentado. No entanto, existe uma aparente incongruência sobre a aplicação do teste de modificação adverbial em  $x$  tempo/por  $x$  tempo nos exemplos 48(a,b) e 49(a,b), quando aplicamos um limite de tempo [em/por uma hora].

Diagrama 7. Imperfectivo → Pretérito imperfeito &amp; evento télico



Em uma sentença que tem a informação sobre tempo com um intervalo não definido, parece haver uma delimitação forçada de um intervalo pelo uso do sintagma adverbial, sem que o intervalo de tempo seja compatível com essa delimitação. Sabemos que o *telos* do evento seria o ponto onde “Carmela” come as “três bolachas”, mas sabemos também que essa estrutura do evento pode se repetir inúmeras vezes ao longo do tempo, portanto a aplicação de [em uma hora] causaria uma interferência nesse intervalo. Ao utilizarmos um teste que lida com distribuição intervalar, acreditamos obter um resultado mais claro, como podemos ver nos exemplos abaixo, nos quais utilizamos o teste de conjunção de Verkuyl.

50. Carmela comia três bolachas [na sexta-feira e no sábado].

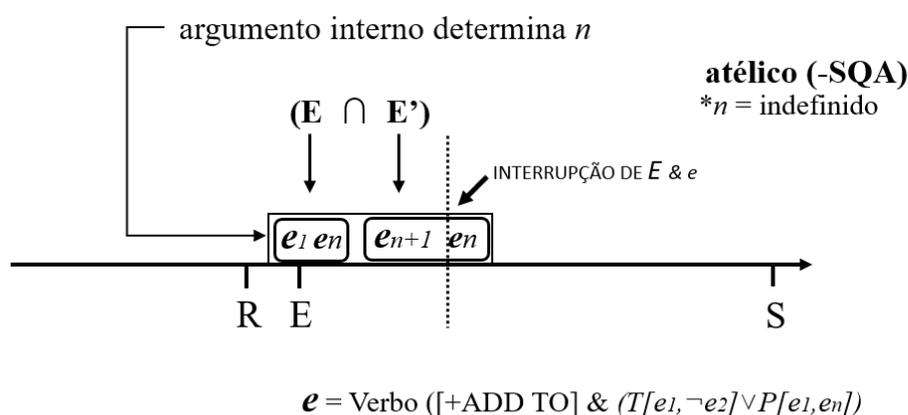
51. Carmela comia bolachas [na sexta-feira e no sábado].

Nesses exemplos, as eventualidades atélicas tornariam a interpretação das frases conjuntas ambígua, já a falta de ambiguidade no contexto dado identificaria as eventualidades télicas. Nos exemplos 50 e 51, vemos que temos duas eventualidades (“na sexta-feira e no sábado”) aplicadas às sentenças. Na primeira sentença, observamos que o resultado da combinação de “Carmela comia três bolachas” com “na sexta-feira” e depois “no sábado” ocorre de forma não-ambígua, pois ela comeria três bolachas na sexta-feira e mais três no sábado. Já na segunda sentença, “Carmela” pode ter comido bolachas continuamente entre sexta-feira e sábado ou poderia ter comido algumas bolachas na sexta-feira e mais algumas no sábado, tornando a sentença ambígua. Essa necessidade de um teste que trate com diferentes parâmetros de intervalo parece indicar que, apesar da independência na obtenção

da telicidade do evento, o fato de o intervalo temporal ser indefinido torna o entendimento sobre o desdobramento do evento mais difícil de ser aferido.

No diagrama 8, apresentamos a relação entre telicidade e o aspecto progressivo, no qual teremos um intervalo de tempo formado por E e R, onde R está contido em E. Porém, esse intervalo sofre uma interrupção ou interferência, ou seja, ao longo do curso do tempo, sabemos que essa duração não vai necessariamente chegar ao seu limite temporal.

Diagrama 8. Progressivo → Pretérito imperfeito composto & evento atélico



**Progressivo → Pretérito imperfeito composto** =  $\exists E, R, S (R \subseteq E \& R < S)$

Também podemos observar que na interrupção de um evento atélico, nessa configuração de tempo e intervalo, não sabemos ao certo em que ponto do desenvolvimento do evento  $e$  ocorreu a interrupção. Tomando como base o exemplo 52, em “construindo casas”, não sabemos em que ponto ocorreu essa parada e não sabemos por quanto tempo “Fernanda” estava construindo essas casas quando isso ocorreu. Essa falta de informação sobre o limite temporal não afetaria diretamente a definição de telicidade, mesmo que também não saibamos quantas casas estavam sendo construídas, assim não obtendo um valor definido de  $n$ , pois teríamos o parâmetro quantificacional de [-SQA].

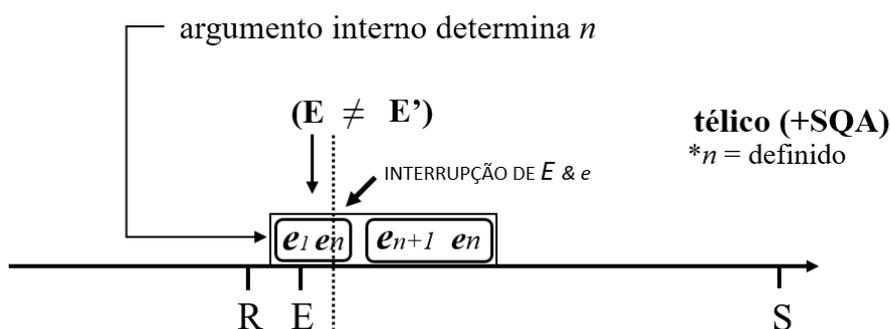
52. Fernanda estava construindo casas.-/->Fernanda construiu casas.

53. Fernanda estava construindo uma casa.-/->Fernanda construiu uma casa.

No diagrama 9, temos uma interrupção no desdobramento do próprio evento atélico  $e$ , o qual nos diz, utilizando o exemplo 53 como referência, que uma delimitação trazida por “uma casa” denotaria um intervalo  $\{0...1\}$ , onde  $\{0\}$  seria a “casa” no estado inicial e  $\{1\}$

seria “a casa” no estado final do evento “construir”. Quando esse evento é interrompido, essa interrupção ocorreria entre {0} e {1}, o que nos parece mais um ponto de proximidade entre o aspecto gramatical e a telicidade, já que a delimitação temporal do progressivo parece interagir com o intervalo  $E$  do evento  $e$ . Ainda assim, seguimos tendo um evento télico, pois sabemos qual seria o seu *telos*, que seria {1}, a partir de {0}, e  $n$  teria o valor de 1, ou seja, teria quantificação definida em A, ou [+SQA].

Diagrama 9. Progressivo → Pretérito imperfeito composto & evento télico



$$e = \text{Verbo } ([+ADD TO] \& (T[e_1, \neg e_2] \vee P[e_1, e_n]))$$

**Progressivo → Pretérito imperfeito composto** =  $\exists E, R, S (R \subseteq E \& R < S)$

Partindo do recorte teórico proposto por esta pesquisa, analisamos, neste capítulo, as diferentes configurações temporais no português que refletiriam os aspectos perfectivo, imperfectivo e progressivo. Então, analisamos as suas relações com a telicidade sob uma perspectiva analítica, descritiva e explanatória. Para isso, tratamos desses fenômenos por meio de um conjunto de teorias as quais acreditamos tenham similaridades e, acima de tudo, complementariedades no tratamento das questões propostas, com o objetivo principal de obtermos subsídios suficientes para que pudéssemos observar a independência entre os aspectos gramatical e lexical.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta dissertação era seguir uma abordagem baseada na análise das relações entre os sistemas responsáveis pela codificação do tempo, do aspecto gramatical e do aspecto lexical na linguagem, propondo que dois sistemas independentes deveriam ser assumidos e, particularmente a esta pesquisa, aplicados ao português brasileiro. Esse sistema seria composto por duas partes; a primeira, responsável pela realização morfossintática do tempo e do aspecto gramatical por meio das suas possíveis realizações através do radical do verbo e seus afixos e na conjugação perifrástica, composta de verbos auxiliares + verbos no gerúndio. Esse sistema seria determinado apenas pelas propriedades inerentes ao tempo de referência, constituído pelas relações de E, R e S, as quais não seriam afetadas pelo segundo sistema apresentado, chamado neste estudo de aspecto lexical, o qual teria como principal propriedade o parâmetro da telicidade.

O desenvolvimento da presente dissertação partiu de uma pesquisa a respeito de trabalhos sobre tempo e aspecto que abordam o português como objeto de análise. Assim, delimitamos conceitualmente algumas definições, ainda de forma introdutória sobre o tema escolhido, para que então procedêssemos em relação aos objetivos mais específicos. Inicialmente, estes seriam a aplicação da teoria de Reichenbach sobre tempo referencial na descrição de alguns dos tempos verbais possíveis no português e o seu desdobramento teórico em direção à semântica de intervalos. Ao aplicarmos e adaptarmos conceitos de tempo referencial e intervalos ao português, delimitamos as possibilidades das suas realizações morfossintáticas a três tempos distintos, os quais seriam representativos dos aspectos perfectivo, imperfectivo e progressivo.

A segunda parte do desenvolvimento teve por objetivo a análise dos conceitos sobre o aspecto lexical, o qual comporta a análise das propriedades lexicais dos verbos e a relação com seus argumentos. A abordagem para essa análise foi composicional, pois seguimos um conjunto de teorias as quais propõem que a telicidade de um evento depende da relação entre as propriedades lexicais contidas no verbo em conjunto com os valores obtidos através dos seus argumentos. Analisamos, ainda, uma série de instrumentos formais e testes adverbiais para a aferição da telicidade, em diferentes circunstâncias.

Na parte final deste trabalho, buscamos integrar as teorias pesquisadas para que pudêssemos avaliar se os sistemas de tempo, aspecto gramatical e aspecto lexical realmente operariam de forma independente. Concluímos, por fim, que os dois sistemas realmente operam de forma consideravelmente distinta, mas não podemos afirmar que não haja algum

tipo de proximidade entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical. Vimos, em situações onde temos os aspectos imperfeito e progressivo, mesmo que haja valores definidos sobre a telicidade ou atelicidade de um evento, o fato de que o desdobramento desse evento possa sofrer interferência de forma concomitante à interrupção do intervalo formado pelo tempo referencial tornaria essa independência mais difícil de verificação.

Mesmo assim, parece-nos claro que a telicidade é composta por valores de natureza atemporal. Isso sustentaria a independência dos sistemas, ainda que acreditemos na necessidade de mais investigações sobre a relação entre esses dois sistemas, pois percebemos que existem questões que ainda não estariam completamente esclarecidas com a presente abordagem. Ressaltamos, finalmente, que foi de nosso especial interesse o entendimento de como a variação na carga e no tipo de informações léxico-semânticas contidas no verbo e seus argumentos poderia sugerir que as relações composicionais entre esses elementos linguísticos e os intervalos com os quais eles interagem necessitem de diferentes instrumentos e teorias para tratá-los.

## REFERÊNCIAS

ARSENIJEVIC, Boban. **Inner aspect and telicity**. The decompositional and the quantificational nature of eventualities at the syntax-semantics interface. (LOT Dissertation series 142). Utrecht: LOT, Netherlands Graduate School of Linguistics, 2006.

BACH, Emmon. **The algebra of events**. *Linguistics and Philosophy*. v. 9, 5-16. 1986.

BARRETO, Eccia; FREITAG, Raquel. **O aspecto habitual no português**: o que dizem as gramáticas. *EntreLetras*, 6.1. 2016: 130-142.

BASSO, Renato Miguel. **Telicidade e detelicização**. *Revista Letras*, [S.1.]. v. 72, ago. 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 2015.

BERTINETTO, Pier Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The ‘Perfective = Telic Confusion. In: CECCHETTO, Carlo; CHIERCHIA, Gennaro; GUASTI, Maria Teresa. (eds.). **Semantic Interfaces** [Reference, Anaphora and Aspect], CSLI Publications, Stanford, Cal. 2001: 177-210.

BERTUCCI, Roberlei Alves. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. 2011. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BHATT, Rajesh; PANCHEVA, Roumyana. **LSA 130**: The syntax and semantics of aspect. lecture notes. MIT. 2005. Disponível em: <http://web.mit.edu/rbhatt/www/lisa130/l1.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2017.

BORIK, Olga; REINHART, Tanya. **Telicity and perfectivity**: two independent systems. *Proceedings of LOLA 8* (symposium on logic and language). 2004.

BORIK, Olga. **Aspect and reference time**. No. 13. Oxford University Press on Demand. 2006.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

CAPPELLE, Bert;DECLERCK, Renaat. Spatial and temporal boundedness in English motion events. **Journal of Pragmatics**. 37.6: 889-917. 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. ALFA: **Revista de Linguística** 12. 1967.

CHIERCHIA, Gennaro; MCCONNELL-GINET, Sally. **Meaning and grammar: An introduction to semantics**. Cambridge: MIT press, 2000.

COAN, Márluce. et al. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Revista de Estudos Linguísticos**. 2006.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. New York: Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 1976.

DAHL, Östen. **On the definition of the telic-atelic (bounded-nonbounded) distinction**. Syntax and Semantics 14: Tense and aspect, ed. by Philip Tedeschi and Annie Zaenen, 79-90. New York: Academic Press. 1981.

DAHL, Östen. **Tense and aspect systems**. New Jersey: Blackwell Publishers, 1985.

DE SWART, Henriette. **Tense, aspect and coercion in a cross-linguistic perspective**. Proceedings of the Berkeley Formal Grammar conference. University of California, Berkeley. 2000.

DECLERCK, Renaat. **Aspect and the bounded/unbounded (telic/atelic) distinction**. Linguistics 17.9-10: 761-794. 1979.

DEPRAETERE, Ilse. On the necessity of distinguishing between (un) boundedness and (a) telicity. **Linguistics and philosophy** 18.1: 1-19. 1995.

DORR, Bonnie J.; OLSEN, Mari Broman. **Deriving verbal and compositional lexical aspect for NLP applications**. 35th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics. 1997.

DOWTY, David. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Kluwer. 1979.

DOWTY, David. Tenses, time adverbs, and compositional semantic theory. **Linguistics and Philosophy** 5.1: 23-55. 1982.

FILIP, H. The telicity parameter revisited. In: YOUNG, R. (ed.), **Proceedings of SALT XIV**, 92–109. Ithaca/NY, Cornell University. 2004.

FILIP, Hana; ROTHSTEIN, Susan. **Telicity as a semantic parameter**. Formal approaches to Slavic linguistics. Vol. 14. 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Aspecto inerente e passado imperfeito no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **Alfa: Revista de Linguística** 55.2. 2011.

HACKMACK, Susanne. **Reichenbach's Theory of Tense and its Application to English**. 2015.

ALLWOOD, Jens. LARS-GUNNAR Andersson; DAHL, Osten . **Logic in linguistics**. Cambridge University Press. 1977.

KAMP, Hans; VAN GENABITH, Josef; REYLE, Uwe. **Discourse representation theory**. Handbook of philosophical logic. 125-394. Springer, Dordrecht, 1998.

KEARNS, K. **The Semantics of the English Progressive**. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, MA. 1991.

KRIFKA, Manfred. Nominal reference, temporal constitution, and quantification in event semantics. In: BARTSCH, R. et al. **Semantics and Contextual Expressions**. Dordrecht: Foris.1989: pp. 75-115.

KRIFKA, Manfred. Thematic relations as links between nominal reference and temporal constitution. In: SAG, Ivan.; SZABOLSCI, Anna. (eds.). **Lexical Matters**. Stanford, CA: CSLI Publications, pp. 29-53. 1991.

KRIFKA, Manfred. **The origins of telicity**. Rothstein, S. (ed.). Events and Grammar. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 197-235, 1998.

LEAH, Claudia. A Theoretical approach to telicity. **Journal of Humanistic and Social Studies**. v. 1, n. 2, pp. 99-108, 2010.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT, Malka Hovav. **Lexicalized scales and verbs of scalar change**. 46th Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society. 2010.

LEVIN, Beth. **The lexical semantics of verbs II**: aspectual approaches to lexical semantic representation. Course LSA. 113P Stanford University. 2007.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1976.

MENDES, Ronald Beline. **Estar+gerúndio e ter+particípio**: aspecto verbal e variação no português. 2005. Tese de doutorado. IEL/Unicamp, Campinas, 2005.

MICHAELIS, Laura A. **Tense in English**. The handbook of English linguistics 220-243. 2006.

MOENS, Marc. **Tense, aspect and temporal reference**. 1987.

OLIVEIRA, Ednei Nunes de. Habitual: A atualização do aspecto verbal em perífrases ‘costumava+ infinitivo’. **Revista Veredas**. 2016.

PARTEE et al. Mathematical methods in linguistics. Vol. 30. **Springer Science & Business Media**. 2012.

PUSTEJOVSKY, James. **The syntax of event structure**. *Cognition*, 41(1), 47-81, 1991.

REICHEMBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company. 1947.

REINHART, Tanya. **States, events and reference time, a lecture given at the MIT Lexicon project**. 1986.

ROTHSTEIN, Susan. **Structuring events: a study in the semantics of aspect**. Vol. 5. John Wiley & Sons. 2008.

SILVA, Afrânio Garcia da. Verbos incompatíveis com o progressivo estudo comparativo do inglês e do português. **Revista SOLETRAS 20**. 2010: 146-164.

SMITH, Carlota S. The Parameter of Aspect. Vol. 43. **Springer Science & Business Media**. 1997.

SMITH, Carlota S. Time with and without tense. **Time and modality**. Springer, Dordrecht, 227-249. 2008.

TENNY, Carol. **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**. Dordrecht: Kluwer. 1994.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português; a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. **The Philosophical Review** 66. 143–160. 1957.

VERKUYL, Henk J. **On the compositional nature of the aspects**. Dordrecht: Reidel Publishing Co., 1972.

VERKUYL, Henk J. **Aspectual issues: studies on time and quantity**. No. 98. Stanford: CSLI publications. 1999.

VERKUYL, Henk J. **Aspectual classes and aspectual composition**. 2002.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)